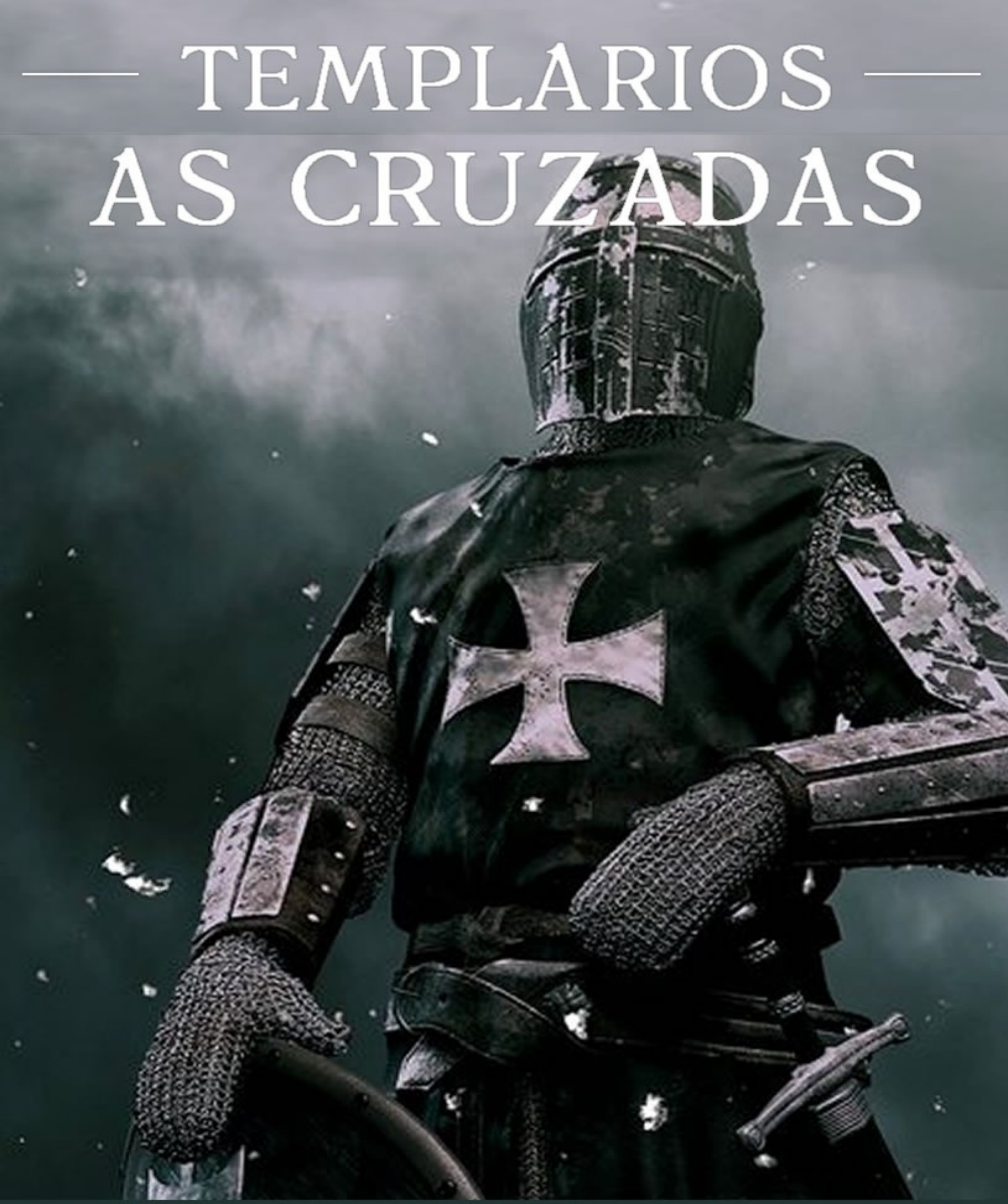
TEMPLARIOS
AS CRUZADAS



editora
BOOK BROTHERS

TEMPLÁRIOS

As Cruzadas e suas Batalhas Épicas com as expedições militares durante a Idade Média, que partiram da Europa com o objetivo de libertar Jerusalém e ajudar o cristianismo na Terra Santa

ATENÇÃO: No final deste ebook temos uma surpresa especial para você!

Copyright © 2019. Editora Book Brothers.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/1998.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Exceto em casos de autorização prévia por escrito do autor.

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1 - A Primeira Cruzada (1095-1099) - O Papa chama os fiéis às armas

Capítulo 2 - Os exércitos da primeira cruzada se envolvem com o inimigo

Capítulo 3 - As consequências da primeira cruzada

Capítulo 4 - A Segunda Cruzada (1147-1149) O Início do Reino de Jerusalém

Capítulo 5 - A Terceira Cruzada (1189-1192) - A Cruzada do Rei

Capítulo 6 - A quarta cruzada (1202-1204) - O Império Latino de Constantinopla e a Cruzada das Crianças (1212)

Capítulo 7 - A Quinta Cruzada (1217-1221)

Capítulo 8 - A Sexta Cruzada (1228-1229) - O Santo Imperador Romano Frederico II Leva a Cruz

Capítulo 9 - A Sétima Cruzada (1248-1254)

Capítulo 10 - A Oitava Cruzada (1270)

Conclusão

Introdução

Pode-se dizer que reis e nobres europeus na Idade Média eram loucos pelas Cruzadas. A enorme quantidade de combatentes que navegavam periodicamente para o Oriente Próximo para batalhar contra os muçulmanos é uma evidência da popularidade generalizada do aventureiro no exterior na época. A noção de uma cruzada, na qual grandes exércitos se reuniram de várias regiões da Europa com o objetivo de combater os muçulmanos turcos e árabes, tornou-se tão fixa que foi expandida para incluir cruzadas contra as seitas cristãs europeias heréticas.

Existem muitas razões pelas quais tantos nobres europeus responderam ao chamado para cruzar, e todos eles podem ser encontrados na complexa organização da sociedade feudal medieval, que evoluiu a taxas variadas entre as diversas culturas da Europa.

Quando, no início da Idade Média, a ordem secular centralizada na Europa Ocidental desmoronou com o colapso do Império Romano, surgiu uma infinidade de quase-estados. Esses estados foram estabelecidos entre grupos de pessoas que compartilhavam origens étnicas comuns nas tribos de bárbaros que varreram o continente em ondas. A ausência de fronteiras nacionais ou culturais firmes significava que os estados estavam constantemente disputando o domínio sobre as terras - a principal fonte de riqueza. Surgiu uma cultura de guerra, que se enraizou na organização de todos os grupos culturais díspares.

O caos dos estados multiétnicos e multilíngues em constante luta com vizinhos poderosos e fracos foi equilibrado por uma única força unificadora, a Igreja Católica. Às vezes, a autoridade da Igreja, liderada pelo papa e organizada sob uma hierarquia de funcionários eclesiásticos, era criticada. Surgiram disputas sobre o poder da Igreja em nomear oficiais e líderes seculares. Além disso, em constante disputa estava a autoridade direta do papado sobre os estados que produziam receitas que os senhores seculares cobiçavam.

Nos casos em que a diplomacia fracassava, e acontecia com mais frequência, os líderes dos estados saíam de seus lares fortificados ou castelos para batalhar com seus vizinhos, fossem eles outros senhores seculares ou funcionários eclesiásticos, como arcebispos, bispos, ou o próprio papa, todos

com exércitos à sua disposição. Como a riqueza era determinada pelo poder territorial, a guerra era praticamente constante. Foi o fator determinante na organização da sociedade.

A luta tornou-se impregnada de noções de honra, lealdade e coragem. Sobrepondo-se a isso os conceitos cristãos de guerra justa, misericórdia e moralidade. Assim, os combatentes da classe alta e seus retentores, antes de avançarem para a batalha, se engajavam na oração ritual cristã, implorando antecipadamente pelo perdão de quaisquer pecados que pudessem cometer no campo de batalha.

Como a guerra foi conduzida com o objetivo de adquirir terras e expandir mão-de-obra para os exércitos, um sistema complexo de propriedade da terra evoluiu. Como se diz, ao vencedor vão os despojos. Na Idade Média, isso geralmente não significava a destruição completa das propriedades dos nobres derrotados. Em vez disso, o líder derrotado mantinha seus camponeses produtores de aluguel e entregava uma parte dessa renda. O líder derrotado e seus combatentes eram obrigados a jurar lealdade através do ritual de prestar homenagem ao vencedor. A lealdade dos derrotados significava que o senhor vitorioso poderia exigir serviço militar de um exército expandido de cavaleiros e soldados de infantaria da classe baixa. O poder de um senhor dependia diretamente da qualidade e quantidade de seus próprios combatentes, bem como daqueles que, por conquista, serviam como seus vassalos.

A guerra não era a única maneira que os nobres medievais expandiam seu poder. Por meio de um intrincado sistema de casamento entre as famílias poderosas, obteve-se alguma aparência de ordem, na qual reis e nobres igualmente fortes podiam, de tempos em tempos, baixar a guarda contra vizinhos avarentos, libertando-os para atacar senhores inferiores. Os casamentos também eram importantes para garantir alianças com estados não-vassalos, se necessário. Finalmente, o casamento entre as classes altas poderia apoiar reivindicações de autoridade de um nobre ou rei sobre as terras herdadas por seus filhos.

A Igreja era parte integrante dessa mistura de alianças interconectadas e estados vassalos. O papado, às vezes, era equivalente aos nobres proprietários de terras. Suas terras ou estados foram formados com o mesmo arranjo de

estados vassalos a partir dos quais os exércitos poderiam ser criados. Devido à obrigação do papa, uma espécie de homenagem religiosa, estavam os arcebispos, bispos e abades de estabelecimentos monásticos. Esses oficiais eram proprietários de terras por direito próprio e, portanto, podiam convocar seus vassalos a lutarem em campo quando necessário.

Com uma cultura de guerra sendo destacada entre a nobreza da Europa medieval, é fácil entender a atração de se envolver em guerras em terras longínquas. Quando o papa pediu aos poderosos líderes da cristandade que tomassem armas contra os muçulmanos no Oriente, conhecidos como tomar a cruz de Cristo, ele estava falando com ouvidos receptivos. Não apenas os nobres estavam inclinados a ver sua participação nas Cruzadas como uma maneira honrosa de demonstrar fervor religioso, mas também os viam como um meio de exercitar sua habilidade na luta e, para os vassalos, sua lealdade ao seu senhor. A atração de participar das Cruzadas, talvez a maior dentre certos reis e nobres, era o potencial de adquirir terras, tesouros e combatentes em uma região não explorada pelo sistema feudal europeu.

A principal função de um cavaleiro era lutar. Mesmo durante intervalos entre guerras sérias, os cavaleiros aprimoravam suas habilidades e conquistavam honra em torneios rituais. Em certo sentido, as Cruzadas preencheram o vácuo de cavaleiros, assim como os torneios. Isso explica por que, quando um rei ou um nobre estava envolvido em uma guerra doméstica na Europa, ele não sentiu necessidade de responder ao chamado do papa de servir no exterior. Ignorar as exigências da Igreja, mesmo ao ponto de ser excomungado, era uma maneira razoável de um líder secular exibir sua independência.

Em retrospecto, é difícil imaginar por que, repetidas vezes, o chamado para lutar nas Cruzadas resultou no aumento bem-sucedido de enormes forças de combatentes. As promessas de aventura e riqueza eram fortes motivadores, isso é certo. A quase completa ignorância dos perigos de viajar até agora para entrar em guerra contra um inimigo misterioso também explica em parte a ânsia dos europeus em sair de casa e viajar por terra e mar para a Terra Santa. É certo que os cruzados estavam alheios ao fato de que se eles fossem por terra para Jerusalém, teriam que enfrentar forte oposição em seu caminho. Eles teriam que depender dos habitantes locais ao longo do caminho para o suprimento de comida para os homens e seus cavalos e que teriam que

superar as doenças enquanto percorriam terrenos praticamente intransitáveis. Se os cruzados viajassem para a Terra Santa por mar, inevitavelmente estariam sujeitos a naufrágios e ataques de potências e piratas hostis.

Se os reis e cavaleiros que tomaram a cruz desconheciam o que estava diante deles em suas expedições ao Oriente Próximo, a grande maioria dos cruzados estava com falta de conhecimento ainda maior. Estes eram os soldados de infantaria, servos e trabalhadores camponeses que acompanhavam os cavaleiros ricos. Entre os soldados de infantaria havia besteiros treinados e infantaria com lança. Eles foram convocados dentre as classes mais baixas das propriedades dos nobres e de seus vassalos. Da mesma forma, o enorme número de servos, necessários para todos os tipos de tarefas, como alimentar os cavalos, cuidar das armaduras e espadas, montar acampamento e administrar cavalos e carroças carregando suprimentos, sem dúvida desconheciam as provações e tribulações que encontrariam no exterior . O número de mortos entre os cruzados da classe baixa, principalmente os não-combatentes, não foi registrado, pois os cronistas da época considerariam seu significado para as Cruzadas muito mínimo.

Havia duas cruzadas que caíam fora das expedições habituais de cavaleiros ricos, agressivos e que buscavam aventuras. A Cruzada do Povo de 1096 e a Cruzada das Crianças de 1212 foram organizadas entre as classes mais baixas que foram convencidas por líderes carismáticos a partir para a Terra Santa e a lidar com os muçulmanos pela força ou pela conversão ao cristianismo. Os cruzados da classe baixa eram totalmente despreparados para fazer qualquer um, e muito menos conseguiram fazer a longa jornada para o leste com recursos limitados.

Se eles foram motivados pela promessa de aventura ou riqueza, muitos cruzados quando chegaram à Terra Santa se estabeleceram em uma vida que espelhava o que eles levavam em casa. Em suas viagens para o Oriente, na ausência de oponentes muçulmanos, eles atacaram judeus, cristãos bizantinos e reis e nobres que não apoiavam. Enquanto marcham para o leste e quando se estabeleceram na Terra Santa, os Cruzados, em períodos de intervalo entre se envolverem com inimigos reais ou imaginários, brigavam e brigavam entre si. Porque eles viveram para lutar, muitos dos cruzados se comportaram abominavelmente em relação a seus companheiros cristãos. Os cavaleiros de um nobre provavelmente se voltariam contra os de outro nas disputas pela

divisão de espólios ou pelas táticas de seus superiores na guerra. Eram homens que prosperavam lutando; portanto, quando o inimigo não estava à vista, empunhavam espadas, mesmo nas mais minúsculas diferenças. A impossibilidade de controlar os cruzados é evidente em várias das expedições.

Como os cruzados eram principalmente combatentes, seus equipamentos e táticas são de grande importância para entender seus sucessos e fracassos ao lidar com seus oponentes. As armas e armaduras usadas pelos cavaleiros medievais durante as Cruzadas evoluíram ao longo desse período para se tornarem cada vez mais elaboradas. Na Primeira Cruzada, guerreiros montados usavam cota de malha da cabeça aos pés e carregavam escudos ou broquéis e simples espadas. Com o passar do tempo, placas de ferro endurecido ou cementado foram adicionadas para proteger partes vulneráveis do corpo. A armadura mais conhecida, o traje completo, não era comum até bem depois do fim das Cruzadas.

A espada de armamento, ou espada de cavaleiro, era uma espada cruciforme, de dois gumes, com uma mão e que era usada para empurrar ou cortar em combate. No final do século XII, a espada de armar veio em duas formas. À medida que a armadura se tornou cada vez mais dominada pelo uso de placas, uma versão curta, pesada e pesada da espada de armamento foi usada para infligir trauma contuso através da armadura, e uma versão de ponta estreita foi usada para perfurar a armadura do inimigo. Eventualmente, os dois tipos foram substituídos pela espada larga ou espada longa que era exercida por uma ou ambas as mãos. Um terceiro tipo de espada, uma espada de um gume, semelhante a uma cimitarra persa, poderia ter sido a arma preferida de alguns cavaleiros. Essas espadas eram pesadas em direção à mão para que a lâmina pudesse ser manejada com a velocidade da luz. Os cavaleiros também carregavam adagas, que eram essencialmente espadas de dois gumes curtas que podiam ser carregadas na parte inferior das costas ou na cintura.

Os soldados de infantaria carregavam maças ou porretes com um eixo de madeira ou metal e uma cabeça de pedra, ferro ou aço. Aparelhos com flechas mais longas também foram usados por cavaleiros. Como as maças eram fáceis de fabricar, elas se tornaram a arma preferida da classe

camponesa.

Juntamente com maças e machados, os soldados de infantaria empunhavam uma lança ou uma lança que tinha um cabo de madeira com uma cabeça afiada no final, feito da própria madeira ou como um acessório de metal forjado. Na época das cruzadas, lanças eram seguradas por soldados, em vez de lançadas contra o inimigo. Dependendo do país de origem, os cruzados possuíam armas especializadas. Por exemplo, os dinamarqueses carregavam broadaxes e lanças, que tinham armas de empurrar de 3 a 6 metros de comprimento (cerca de 10 a 19,5 pés), foram usadas pela infantaria de Flandres e Escócia.

Durante as Cruzadas, em batalhas campais ou encontros militares planejados em um campo de batalha previamente combinado, o comandante destacava soldados de infantaria para se oporem à infantaria adversária. Qualquer quebra nas linhas era explorada por uma investida dos cavaleiros. Se tivessem sucesso nessa investida, os cavaleiros girariam seus cavalos e atacariam a infantaria inimiga pela retaguarda ou atacariam os soldados montados do inimigo de frente. No primeiro estágio de uma batalha campal, o objetivo era incapacitar os indivíduos entre as forças inimigas e, assim, forçar uma retirada. Foi em retirada que os exércitos muçulmano e cruzado enfrentaram o maior perigo. Os soldados de infantaria e as cavalarias eram particularmente vulneráveis se fossem atacados por trás, e foi assim em um retiro que muitos foram mortos imediatamente. No tempo das cruzadas, ferir um soldado era uma maneira eficaz de serem eliminados de novos combates, porque, na maioria das vezes, a maioria dos feridos morreu.

Os árabes e turcos que lutaram contra os cruzados empregaram soldados de infantaria com lanças como primeira linha, assim como os próprios cruzados. Atrás deles, havia guerreiros montados vestidos com cota de malha e carregando espadas, escudos e lanças. A cavalaria muçulmana dependia da rapidez, e seus guerreiros montados eram menos sobrecarregados por armaduras e espadas pesadas. Os arqueiros montados sarracenos foram particularmente eficazes contra as forças cruzadas. Os besteiros cruzados eram igualmente eficazes no campo de batalha e em abater inimigos das torres de cerco ou das muralhas do castelo.

Os galeses e ingleses eram especialmente hábeis no uso do arco de uma peça (alguns arcos desenvolveram um desenho composto posteriormente) e conseguiram disparar flechas que podiam penetrar na cota de malha. Os arqueiros franceses e alemães eram um pouco menos talentosos com a arma estranha. Foram necessários anos de prática para lidar perfeitamente com o arco longo, que nas mãos dos mais hábeis podia disparar cerca de seis flechas por minuto. Essa taxa de tiro era muito maior do que armas concorrentes, como a besta. A vantagem da besta era que ela tinha maior poder de penetração e não exigia os longos anos de treinamento.

A história das cruzadas é complicada. Os eventos na Europa impactaram a composição dos exércitos dos cruzados, e os eventos no Oriente afetaram a composição das forças muçulmanas. Para os cristãos, a liderança e a profundidade da lealdade dos nobres uns aos outros foram os principais responsáveis pelas batalhas vencidas ou perdidas. Honra e ganância desempenharam partes iguais em seus sucessos e fracassos. Por trás de toda a empresa, que durou mais de três séculos, estava a Igreja, que não era diferente dos poderes seculares em trocar lealdades no interesse de exercer autoridade e aumentar o valor de seu tesouro.

Devido à ascensão da Igreja Cristã na era do declínio do Império Romano, os fiéis foram incentivados a fazer peregrinações à Terra Santa para contemplar os locais que marcavam a vida de Cristo e sua mãe Maria, bem como seus discípulos e os primeiros santos cristãos. No século XII, a rota recomendada para os peregrinos havia se estabelecido o suficiente para um eclesiástico alemão escrever o Guia da Terra Santa (1172). Ele descreveu para sua audiência limitada de cristãos alfabetizados o que eles poderiam esperar ver em Jerusalém, como a coluna do flagelo de Cristo e a gruta em que a cruz foi encontrada. Ele escreveu sobre os locais cristãos em Belém, Nazaré e Damasco. O volume de fiéis peregrinos que vieram da Europa e das cidades do Império Bizantino foi certamente substancial. Era a segurança desses peregrinos e a proteção desses locais venerados que era a motivação declarada para despachar os exércitos dos reis e nobres europeus para lutar no Oriente. No entanto, havia outros motivos em jogo. Entre eles estavam conflitos regionais sobre expansão territorial, diferenças eclesiásticas com autoridade secular, conflitos doutrinários dentro da Igreja e ganância e agressão humana.

Capítulo 1
A Primeira Cruzada (1095-1099) - O Papa chama os fiéis às armas

Nas últimas duas décadas do século 11, a capital do Império Bizantino, Constantinopla, estava à beira do colapso. Invasões do exterior e guerras internas ameaçavam a existência do império. O imperador Alexios I Komnenos, que foi coroado em 5 de abril de 1081, foi imediatamente desafiado por uma incursão no império por uma força de boates normandas da Itália, sob a liderança de Robert Guiscard. Guiscard, que partiu da Normandia por volta de 1047 com um pequeno número de soldados montados, instalou-se na província bizantina da Calábria, na Itália, por meio da força. Através de incríveis proezas militares, ele ganhou autoridade sobre toda a população normanda que se estabelecera diante dele no sul da Itália. Depois de conquistar a maior parte da Sicília bizantina, Guiscard navegou com suas tropas pelo mar Adriático. Em 1081, ele derrotou os soldados bizantinos no posto avançado de Dyrrhachium, localizado na atual Albânia. Os normandos perseguiram as forças bizantinas derrotadas na Grécia, onde foram ameaçadas de aniquilação completa.

Foi somente buscando ajuda do exterior que Alexios conseguiu salvar suas províncias no sul dos Bálcãs. Ele aliviou a pressão que Guiscard estava exercendo sobre os soldados bizantinos, pagando 360 mil peças de ouro ao Santo Imperador Romano Henrique IV para intensificar seus ataques aos normandos na Itália. Os ítalo-normandos eram aliados ao papa Gregório VII, que havia feito inimigo do imperador romano. Henrique IV alegou que era seu direito nomear oficiais da igreja - arcebispos, bispos e abades - ou investir escritórios eclesiásticos em seu império. Com efeito, isso significava que ele poderia exigir sua parte das receitas das propriedades eclesiásticas. O papa Gregório afirmou que o direito de ocupar cargos eclesiásticos era só dele. Em 1076, Henry foi excomungado por sua intransigência no que é conhecido como Controvérsia de Investidura.

Henrique decidiu invadir a Itália para resolver suas diferenças com o papa. Ele atacou os aliados ítalo-normandos do papa no sul da Itália e assumiu a autoridade sobre os estados diretamente sob a autoridade do papado. Em

Roma, um partido de italianos e alemães surgiu para combater a ampla reivindicação de poder do papa. Em 1080, um sínodo de clérigos monarquistas derrubou Gregório e o substituiu pelo papa Clemente III. Dois anos depois, o imperador Henrique atacou Roma. Após um cerco de sete meses, a cidade caiu. O papa Gregório, que se recusou a aceitar seu substituto como papa, fugiu para Monte Cassino e depois para Salerno junto com sua corte. Clemente III foi instalado no trono papal em 1084. Um ano depois, Gregório morreu no exílio.

Os normandos, que eram aliados do papa na Itália, enfrentaram um inimigo formidável no imperador Henrique IV, que estava preparado para assumir suas propriedades. Robert Guiscard foi assim forçado a abandonar sua expedição contra os bizantinos nos Bálcãs e retornar à Itália. Isso acabou com a crise enfrentada pelo imperador bizantino.

Os seguidores de Gregório VII consideravam Clemente um usurpador ou um antipapa. Após a morte de Gregory, eles elegeram uma fila de papas contra o imperador do Sacro Romano. Entre eles estavam o papa Victor III e o urbano II, este último que serviu de março de 1088 a sua morte em julho de 1099.

Urban, que era francês de nascimento, passou os primeiros anos de seu papado fora de Roma. Ele foi mantido afastado pelo antipapa Clemente III, que estava sob a proteção do Sacro Imperador Romano. Entre os primeiros sucessos de Urban estavam o arranjo de casamentos diplomáticos entre famílias italianas poderosas e a garantia do apoio da Inglaterra contra seu papa rival em Roma.

A ascensão do papado de Urban começou no Concílio de Piacenza, um sínodo de eclesiásticos e leigos, realizado na primeira semana de março de 1095. Foi uma grande reunião, composta por 200 bispos, 4.000 outros líderes da igreja e cerca de 30.000 leigos. Além de denunciar o Antipope Clement III, o conselho considerou o pedido apresentado por uma embaixada do imperador bizantino Alexios I Komnenos. Ele procurou ajuda para recuperar o território bizantino que havia sido perdido pelo império oriental em expansão dos turcos seljúcidas.

Os muçulmanos sunitas seljúcidas turcos haviam subido ao poder na Pérsia e se espalharam como um raio por vastas faixas da Ásia Menor no século XI. Depois de adicionar a Armênia e a Geórgia ao seu império, os Seljuks, sob

seu líder Muhammad bin Dawud Chaghri, mais conhecido como Alp Arslan, se envolveram com as forças bizantinas. A invasão veio à tona com a derrota dos bizantinos por Alp Arslan na Batalha de Manzikert, em agosto de 1071, no leste da Ásia Menor. O imperador bizantino da época, Romanos IV Diógenes, foi capturado. A derrota jogou a corte bizantina em desordem. Quando ele foi libertado, os oponentes de Romanos o depuseram, cegaram e o exilaram. Ele morreu de morte lenta devido a uma infecção causada pela remoção dos olhos. Ele foi sucedido por Michael VII Doukas, que foi forçado a abdicar em 1078 por seus generais, e depois por Nikephoros III, que também foi forçado a abdicar.

Com a coroação de Alexios I Komnenos em 1081, uma medida de ordem interna foi restaurada no Império Bizantino, mas a presença dos turcos no que antes era território bizantino irritava constantemente o imperador bizantino e sua nobreza e apresentava um interminável ameaça à estabilidade do império. Assim, o pedido de ajuda foi enviado ao Papa Urbano II.

Embora nenhuma ação tenha sido tomada sobre o pedido de ajuda militar de Alexios no Conselho de Piacenza, foi fundamental para o desenrolar dos eventos no subsequente conselho de eclesiásticos e leigos realizado em Clermont, França, no mesmo ano. Em Clermont, o Urban II se reuniu com uma grande congregação de bispos franceses e italianos para lidar com as reformas dentro da Igreja. No meio deste conselho, em 27 de novembro de 1095, Urbano II pregou a uma grande multidão de camponeses, nobreza e clero reunidos em um campo fora de Clermont. Seus argumentos persuasivos para lidar com o inimigo dos bizantinos foram estruturados em torno da responsabilidade dos cristãos de livrar a Terra Santa dos infiéis.

Cinco versões do sermão de Urban foram escritas mais tarde. Estes foram influenciados por eventos subsequentes, de modo que nenhum deles pode ser considerado como as palavras exatas do próprio papa. Em uma versão, ele afirma ter dito que seu rebanho de cristãos deveria parar de brigar entre si, de se odiar, e “Entre no caminho do Santo Sepulcro; arranca essa terra da raça perversa. ”

É relatado que seu pedido de libertação da Terra Santa dos pagãos foi recebido com cânticos da platéia. “É a vontade de Deus! É a vontade de Deus! ”Sem dúvida, Urban esperava essa explosão entusiasmada, porque

antes de fazer seu discurso, ele viajou amplamente pelo sul da França para ter conversas preliminares com senhores eclesiásticos e seculares sobre sua idéia de uma cruzada.

Um relato do discurso do papa Urbano diz que ele prometeu: “Todos os que morrem pelo caminho, seja por terra ou por mar, ou em batalha contra os pagãos, terão remissão imediata dos pecados”. Isso aconteceria porque os “desprezados” e a raça básica ”que cultua demônios nunca deve conquistar“ um povo que tem a fé de Deus onipotente ... glorificado com o nome de Cristo ”.

O papa Urban expôs várias razões para pedir uma cruzada contra os turcos. Ele disse que era dever dos cristãos proteger seus irmãos na fé no Oriente. No entanto, havia também um tom expansionista em seu discurso. Ele acreditava que o motivo de tantas brigas no Ocidente se devesse à crescente população camponesa, dependendo da quantidade cada vez menor de terras produtivas. Não apenas os camponeses estavam sofrendo, mas seus proprietários também estavam se esgotando porque sua renda de aluguel na forma de produtos agrícolas estava diminuindo. Urban também entendeu a situação em que estavam os filhos de nobres não-herdados e empobrecidos. Ele elogiou suas proezas militares e ofereceu-lhes uma maneira de se distinguir no campo de batalha participando da Cruzada. Ele pediu que parassem de se envolver em ataques a seus vizinhos, nos quais eles procuravam demonstrar suas habilidades de cavaleiro. Em vez disso, o papa exortou-os a pegar em armas com seus companheiros cristãos contra os infiéis no Oriente. A oportunidade de obter remissão de seus pecados foi um bônus a mais. O papa prometeu aos que tomaram a cruz que, após a morte, ocorreria uma elevação suave e apressada do limbo ou do purgatório, permitindo-lhes viver uma vida eterna no céu.

Uma Cruzada bem-sucedida contra os muçulmanos na Terra Santa tornaria possível a todos os peregrinos viajar para os locais mais sagrados dos cristãos, sem ser incomodado por não-crentes. Peregrinos cristãos em Jerusalém, disse Urban, sofreram terríveis torturas e assassinatos nas mãos dos seljúcidas. Até as mulheres peregrinas foram estupradas. A condenação de Urban aos muçulmanos foi baseada em relatórios de segunda mão e era

provável que fosse um exagero. Urban relatou que o ato mais abominável sofrido pelos cristãos nas mãos dos turcos foi perfurar o umbigo e esticar o intestino e depois prendê-lo à estaca. As infelizes vítimas foram forçadas a andar até que todos os seus intestinos foram arrancados e eles morreram. É improvável que Urban tenha citado relatos em primeira mão dessa maneira de matar lentamente cristãos. Com toda a probabilidade, ele provavelmente fora contado a história por um de seus conselheiros que, por sua vez, a havia adaptado da história do martírio de São Erasmo em 303 CE. O cristão Erasmus havia sofrido extrema tortura nas mãos dos romanos pagãos. Os detalhes disso foram repetidos e ampliados em textos recontando os momentos finais da vida dos mártires cristãos. São Erasmus, disseram seus biógrafos, foi primeiro colocado em um barril no qual espigões foram inseridos. O cano foi então rolado ladeira abaixo. Os ferimentos de Erasmus foram milagrosamente curados por um anjo. Os romanos então cobriram Erasmus de alcatrão e o incendiaram, mas graças à intervenção do anjo, ele sobreviveu. Sem saber como despachar o aparentemente imortal Erasmus, os romanos abriram sua barriga, arrancaram seus intestinos e os enrolaram em um barril até que ele finalmente morreu. Havia uma grande semelhança entre a história da pior tortura que os cristãos supostamente sofreram nas mãos dos turcos e a história original do martírio de Erasmus nas mãos dos romanos.

Desde os primeiros dias do cristianismo, as peregrinações à Terra Santa foram incentivadas pelas autoridades da Igreja. Desde a queda da Terra Santa para os muçulmanos no século VII, porém, os peregrinos foram expostos a condições difíceis. No entanto, os fiéis se reuniram para o Oriente em números tão grandes que um manual foi escrito para eles por volta de 1172 por um alemão desconhecido chamado Theoderich. O livro descrevia um itinerário que contemplava todos os locais sagrados cristãos, como a Gruta da Anunciação em Nazaré, a Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém e a cidade de Jaffa, onde os peregrinos podiam recordar a ressurreição de Tabitha pelo apóstolo Pedro. .

Os historiadores se aprofundaram nos possíveis motivos que Urban pode ter tido ao fazer um apelo importante a uma cruzada contra os muçulmanos na Terra Santa. Claramente, a idéia foi plantada em sua cabeça com o pedido de Alexios para ajudar a livrar seu império de turcos. Alguns historiadores

sugerem que Urban foi motivado pelo desejo de reunir as igrejas orientais e ocidentais sob sua única liderança. Em 1054, diferenças teológicas e disputas por autoridade levaram ao que ficou conhecido como o Grande Cisma. A divisão do que é hoje a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental foi no Ocidente entendida como uma afronta direta à autoridade que Deus concedeu ao papa; é claro, o Oriente também sentiu que era uma afronta à autoridade de seu patriarca.

Alguns historiadores interpretaram o apelo de Urban por uma cruzada cristã como uma tentativa de eliminar seu rival, Antipope Clement III, que era o líder espiritual de um poderoso contingente de nobres imperialistas leais a Henrique IV. Pode ter sido a esperança de Urban que, antes que os cruzados entusiásticos partissem para o Oriente, eles invadissem a Itália e negociassem com Clemente III, que estava instalado em Roma, e seu grande apoiador Henrique IV. Em suma, se todos os principais guerreiros da cristandade adotassem a Cruzada, muitos dos problemas de Urban com o mundo secular desapareceriam, pelo menos por um tempo.

Os cronistas que nos anos seguintes escreveram versões do discurso de Urban concordavam que seu sermão era incrivelmente eficaz. Todos eles provavelmente exageraram a reação da platéia. Provavelmente isso é verdade para o relato de que, quando o papa terminou seu discurso, centenas na platéia costuraram crachás de pano com a cruz sobre suas túnicas, indicando assim que eles estavam imediatamente pegando a cruz e ingressando na Cruzada.

Os lutadores bem treinados que aceitaram o chamado de Urbano II para lutar contra os turcos foram convencidos a pegar em armas em nome de Deus pelos muitos pregadores itinerantes que se espalharam pelo campo, levando a mensagem a membros de famílias nobres regionais e outros aristocratas. As ações de três monges eremitas que vivem na floresta perto de Laval, a sudoeste de Paris, são típicas da convocação de armas durante as Cruzadas. Robert de Arbrissel, Vitalis de Mortain (também conhecido como Vitalis de Savigny) e Bernard of Thiron, como muitos de seus colegas de escritório por insistência do papa, abandonam suas vidas de reclusão e partem no caminho para influenciar os corações e mentes de todos que ouviram seus sermões ardentes. O próprio Urban passou nove meses espalhando a notícia em grandes e pequenas cidades da França. Por meio de cartas aos bispos e

abades, ele espalhou a palavra para a Inglaterra, Flandres e as cidades italianas de Gênova e Bolonha. Em algumas de suas cartas, ele foi específico sobre o objetivo da Cruzada. Era para expulsar os infiéis de Jerusalém e transformar a cidade em uma comunidade cristã.

Um dos primeiros homens a defender a causa de Urban foi Peter, o Eremita. A história deste padre de Amiens, na França, foi registrada em uma história chamada Alexiad. Foi escrito no final dos anos 1140 ou início dos 1150 pela filha de Alexios I Komnenos, Anna Komnene. Ela escreveu que Peter tentou uma vez fazer uma peregrinação à Terra Santa, mas ele foi rejeitado pelos turcos, que ele alegou que o haviam maltratado. Ele se tornou um pregador carismático e revivalista de camponeses, pobres e talvez alguns cavaleiros. Não há nenhum documento histórico confirmando que Pedro, o Eremita, estava presente quando Urban proferiu seu sermão em Clermont em 1095, mas depois disso, Pedro, o Eremita, acrescentou aos seus seguidores o pedido de uma cruzada aos seus discursos. Ele usou sua própria experiência nas mãos dos turcos para inflamar milhares para pegar a cruz e segui-lo até a Terra Santa.

O número de camponeses de Pedro cresceu rapidamente. Sofrendo anos de seca e doenças provocadas por más colheitas, camponeses e pobres da ala da Igreja foram atraídos para a Cruzada como um meio de escapar de uma vida vivida na pobreza ou na negligência. Vários cavaleiros menores também foram convocados para apoiar o que ficou conhecido como Cruzada do Povo ou Cruzada dos Pobres.

Contingentes do exército de indigentes e cavaleiros empobrecidos de Pedro marcharam para o leste, em direção ao Reno. Estimulado pela retórica inflamatória dos emuladores de Peter, um grupo do conde da Renânia Emicho de Leiningen demonstrou seu furor contra os não-cristãos na primavera de 1096, nivelando as comunidades judaicas na França e na Alemanha e massacrando seus habitantes. Quando chegaram a Worms, o exército de Emicho exigiu que os judeus residentes se convertessem ao catolicismo ou fossem expulsos ou mortos. Cerca de 800 membros da fé judaica foram assassinados. Emicho e seus seguidores alegaram estar se vingando contra uma raça e uma religião responsáveis pela morte de Cristo. Isso justificou o roubo do dinheiro da população judaica para financiar sua Cruzada. Em Mainz, em maio de 1096, o exército de Emicho matou mais de

mil judeus. Cidades menores da região sofreram ataques semelhantes. Tendo completado seu tumulto contra a população judaica na Renânia, Emicho e suas tropas partiram para o Oriente.

Quando os aventureiros de Emicho chegaram à Hungria, seu suprimento de dinheiro para comprar comida foi esgotado. Então, eles se voltaram para a pilhagem. Os húngaros reagiram com habilidade e determinação, matando a maioria dos seguidores de Emicho. O próprio Emicho fugiu para sua casa na Alemanha, onde foi severamente criticado por não cumprir seu voto de capturar Jerusalém.

Os cruzados de Peter finalmente se reuniram em 12 de abril de 1096 em Colônia, onde ele pretendia continuar pregando e reunir mais apoiadores. Impacientes por chegar à Terra Santa, alguns cruzados indisciplinados camponeses franceses correram para a Hungria, depois Belgrado e, finalmente, para Niš no Império Bizantino. Eles foram seguidos pelos 40.000 cruzados de Peter, que ele liderou de Colônia à Hungria. Uma disputa por despojos surgiu na cidade de Zemun, e os cruzados protestaram e mataram 4.000 de seus habitantes. Quando eles chegaram a Niš, outra disputa surgiu e os cruzados foram derrotados, e um quarto do seu número foi morto. Os demais membros do exército de Pedro avançaram para o Império Bizantino e foram escoltados para Constantinopla. O imperador Alexios I Komnenos, incapaz de alimentar um exército de estrangeiros praticamente sem um tostão, providenciou rapidamente que fossem levados através do Estreito de Bósforo. Eles foram depositados na Ásia Menor em 6 de agosto de 1096, com um aviso amigável do imperador para ficar longe dos ferozes turcos na Anatólia.

Os cruzados camponeses começaram a saquear e destruir as cidades mais fracas de Seljuk. Quando chegaram a Nicomedia, a cerca de 100 quilômetros a leste de Constantinopla, eclodiu uma disputa entre cruzados alemães e italianos e cruzados franceses, e ambos os lados elegeram novos líderes que levaram seus seguidores a ataques contra fortalezas turcas diferentes. A Cruzada do Povo deixou de estar sob o controle exclusivo de Pedro, o Eremita. Ele retornou a Constantinopla na esperança de obter ajuda do imperador bizantino. Enquanto ele estava fora, o exército cruzado restante, que totalizava cerca de 20.000, partiu em 21 de outubro de 1096, para atacar Nicéia. Ao longo do caminho, eles foram emboscados pelos turcos e foram

forçados a voltar ao acampamento para se juntar às mulheres, crianças e incapacitados que haviam sido deixados para trás. Os turcos conseguiram abater a maioria dos cruzados; apenas cerca de 3.000 foram capazes de encontrar refúgio e, eventualmente, ser resgatados pelo exército bizantino. O próprio Pedro esperou o inverno de 1096/1097 em Constantinopla. Quando os Cruzados do Papa Urbano, sob a liderança de príncipes, nobres e cavaleiros, chegaram à cidade, ele se juntou a eles na jornada para o leste.

Enquanto a Cruzada do Povo se deslocava precipitadamente para o leste, o exército de príncipes do Papa Urbano estava partindo na Europa. O papa, antes de seu discurso em Clermont, havia conseguido o apoio de dois dos líderes mais poderosos do sul da França, Adhemar de Le Puy e Raymond IV, conde de Toulouse. O rei francês, Filipe I, era inelegível para ingressar na causa, pois fora excomungado pelo papa Urban no Conselho de Clermont em 1095 pelo pecado da bigamia. No entanto, ele incentivou seu irmão, Hugh, conde de Vermandois, a recrutar um grupo habilidoso de cavaleiros de terras a leste de Paris. A eles se juntaram alguns dos sobreviventes da cruzada abortada de Emicho. O exército de Hugh partiu do porto de Bari, no sul da Itália, em agosto de 1096, data marcada por Urban para a jornada para o leste. Em Bari, Hugh conheceu o príncipe normando de Taranto, Bohemond I, que também estava se preparando para ir para o leste com um contingente de soldados.

Impaciente para entrar na briga contra os turcos, Hugh não esperou por seu companheiro cruzado. Um homem orgulhoso e que se mostrou um fracasso como comandante, Hugh escreveu ao imperador bizantino anunciando sua chegada iminente a Constantinopla. Sua carta foi registrada por Anna Komnene: “Sabe, Imperador, que eu sou o Rei dos Reis, o maior de todos os céus. É minha vontade que você me encontre na minha chegada e me receba com pompa e cerimônia devido ao meu nobre nascimento. ”Apesar da bravata de Hugh, sua chegada ao Império Bizantino foi patética. A maioria de seus navios afundou em uma tempestade ao largo de Dyrrhachium, e muitos de seus cavaleiros se afogaram. Ele conseguiu nadar em terra onde foi preso pelo comandante bizantino do posto avançado. Trazido a Constantinopla, Hugh foi forçado a jurar sua lealdade a Alexios Komnenos.

O duque da Baixa Lorena, Godfrey de Bouillon, foi inspirado pelos monges de Cluniac e levou a cruz. Para financiar sua expedição, ele teve que vender duas de suas propriedades e pedir dinheiro emprestado contra o valor de seu castelo. Em seu grande exército de cavaleiros, arqueiros e soldados de infantaria estavam seus dois irmãos, Eustace e Baldwin, ambos sem propriedades em seu nome. Talvez na expectativa de se estabelecer na Terra Santa e ganhar grandes riquezas lá, Godfrey levou sua esposa e filhos. Ele partiu em agosto na rota terrestre para Constantinopla. Quando chegou à Hungria, seu exército foi atropelado pelo rei Coloman, que, após seu encontro com a Cruzada do Povo, desconfiava de estrangeiros atacando seu povo. Nas negociações com o rei Coloman, Godfrey concordou em entregar Baldwin, a esposa de Baldwin e os filhos como reféns para garantir que uma repetição do caos não ocorresse. O exército de Godfrey se comportou admiravelmente e se absteve de combater os húngaros. Os reféns foram libertados e os cruzados foram autorizados a prosseguir. Quando chegaram ao mar de Mármara, Godfrey perdeu o controle de seu exército e saquearam a área por alguns dias. Depois de restaurar a ordem, ele liderou suas tropas para Constantinopla. Eles chegaram lá em 23 de dezembro de 1096. O imperador Alexios exigiu a homenagem de Godfrey, que ele garantiu após ameaçar atacar o acampamento dos cruzados fora dos muros da cidade. Alexios rapidamente transportou Godfrey e seu séquito para o outro lado do Bósforo, a fim de evitar qualquer possibilidade de os cruzados atacarem Constantinopla, em vez de seguirem para o leste.

O próximo exército de cruzados chegou a Constantinopla em 9 de abril de 1097. Esses homens foram ainda mais indesejados pelo imperador Alexios. Eles foram liderados pelo Norman Bohemond, filho de Robert Guiscard, o arquiinimigo de Bizâncio. O próprio Bohemond ficou na Grécia após a partida do pai e derrotou o exército de Alexios em duas batalhas. Foi somente com a ajuda dos turcos seljúcidas que Alexios finalmente conseguiu empurrar os normandos sob Bohemond para um retiro em 1083.

No entanto, Bohemond estava lá à porta de Alexios novamente, tendo levantado um grande contingente de cruzados que navegaram de Bari até a costa da Bulgária e depois viajaram por terra para Constantinopla. Uma vez lá, Bohemond judiciosamente jurou lealdade a Alexios, que então forneceu navios para transportar as tropas de Bohemond através do Bósforo, onde se

juntaram às tropas de Godfrey.

Entre os primeiros nobres franceses a aceitar o desafio de Urban de libertar a Terra Santa, estava Raymond IV, de Toulouse. Um homem extremamente devoto, era sua esperança morrer em Jerusalém. Isso pode ter ocorrido devido à sua idade, com 55 anos, que estava próximo do fim de uma vida útil média na Idade Média. Ele também pode ter pedido perdão por seus pecados de duas vezes casar com mulheres com quem ele estava intimamente relacionado. Por essas infrações da lei da Igreja sobre consanguinidade, ele havia sido excomungado.

Raymond partiu com seu exército de cruzados no final de outubro de 1096. Ele estava acompanhado por sua esposa e filho, além de Adhemar, bispo de Le Puy. Raymond marchou por terra até Dyrrhachium. A partir daí, seu exército se mudou para o território bizantino. Quando enfrentaram escassez de alimentos, saquearam as fazendas e cidades ao longo de sua rota para Constantinopla. Na ausência de Raymond, que havia ido adiante para negociar com Alexios, os cruzados franceses foram derrotados por um grande contingente de soldados bizantinos que foram encarregados de manter a ordem entre os cruzados indisciplinados. Enquanto isso, Raymond evitou habilmente jurar lealdade a Alexios, preferindo, em vez disso, prestar seu apoio sob a condição de que o próprio Alexios liderasse a Cruzada. Quando o exército de Raymond chegou a Constantinopla, eles foram transportados às pressas pelo Bósforo para evitar repetidas erupções de violência em solo bizantino.

Outro líder de um exército de cruzados era Robert II, duque da Normandia, que era o filho mais velho de Guilherme, o Conquistador. Embora tivesse raízes ilustres, Robert estava em apuros financeiramente quando respondeu à ligação de Urban. Ele hipotecou sua terra com seu irmão, rei Guilherme II da Inglaterra, para pagar por sua expedição. Entre seus companheiros estavam cavaleiros da Inglaterra e Escócia, além da Normandia. Incluído em seu número estava seu primo, Robert II, conde de Flandres; seu cunhado, Stephen, conde de Blois; e um padre, Fulcher de Chartres. O último foi escrever uma crônica da Primeira Cruzada, na qual ele incluiu uma versão do sermão do Papa Urbano em Clermont.

Robert liderou seu exército ao sul da Normandia, cruzando os Alpes e

viajando para a Calábria no sul da Itália. Não querendo arriscar uma viagem de inverno pelo Mar Adriático, Robert acampou lá durante o inverno. Quando o tempo melhorou na primavera de 1097, ocorreu um trágico acidente. O primeiro navio a deixar o porto de Brindisi quebrou em dois. Cerca de 400 combatentes se afogaram. Esse desastre motivou alguns dos homens de Robert a abandonar. As tropas restantes finalmente chegaram a Dyrrhachium e se mudaram para leste, para Constantinopla, chegando lá no início de maio. Robert fez como seus colegas cruzados fizeram. Jurou lealdade a Alexios e seu exército foi levado através do Bósforo.

Capítulo 2
Os exércitos da primeira cruzada se envolvem com o inimigo

Os historiadores modernos apresentaram números aproximados para os cruzados que partiram da Europa para a Terra Santa na Primeira Cruzada. Eles calculam a partir das evidências disponíveis de que havia até 130.000 participantes. Destes, cerca de 13.000 eram cavaleiros e 50.000 eram soldados de infantaria treinados, que incluíam besteiros e porta-lanças. As 67.000 pessoas restantes eram camponeses, servos e familiares não combatentes de famílias nobres, que incluíam mulheres, crianças, clérigos e, é claro, um bom número de seguidores de homens e mulheres no campo. Colocar um cavaleiro em batalha exigia um bom número de funcionários de apoio - armeiros; armários; homens para alimentar, curry e selar cavalos; e cartmen para transportar a tenda de um cavaleiro, comida, utensílios de cozinha, bagagem e comida para vários cavalos. O cavaleiro, e sua família, se eles aparecessem, exigiam cozinheiros e criados. Os cavaleiros e membros das famílias reais mais importantes também trouxeram os funcionários necessários para cumprir os deveres de uma pequena burocracia itinerante e sacerdotes para entregar o sacramento da Santa Comunhão antes que os cavaleiros entrassem em batalha. Na massa dos cruzados havia vários clérigos para aconselhar os cavaleiros em questões políticas e religiosas. Os sacerdotes, clérigos e funcionários, por sua vez, exigiram um número de servos para ajudá-los em seus deveres e fornecer-lhes acomodações e alimentos adequados.

A perda de números devido à fome, doenças, deserção e batalhas com os povos locais no caminho pela Europa deixou apenas cerca de 50.000 cruzados para se reunir em 1097 nas proximidades de Nicéia, na Ásia Menor.

O imperador Alexios, que muitos esperavam liderar a Cruzada, optou por ficar em seu palácio em Constantinopla. Ele enviou algumas de suas tropas para acompanhar os cruzados pela Anatólia para ajudá-los a recuperar os estados bizantinos que haviam sido capturados pelos turcos. Alguns dos aventureiros europeus, acreditando que as terras recuperadas estavam em

disputa, reivindicaram-no. Brigas surgiram quando lhes foi negada a propriedade. Esse episódio e o fracasso de Alexios em fornecer qualquer tipo de liderança e sua recusa em fornecer ajuda militar significativa aos cruzados voltaram os cavaleiros contra os bizantinos. Eles passaram a considerá-los perfumadores e avarentos, sem um profundo compromisso com a fé cristã.

Os cruzados cercaram a cidade de Nicéia em maio de 1097. Eles aproveitaram a ausência do líder seljúcida, Kilij Arslan I. Ele havia tirado uma licença temporária de Nicéia, acreditando que os cruzados reunidos eram tão inofensivos quanto os camponeses do povo. Cruzada que suas tropas haviam abatido recentemente. Ao retornar, Arslan levou seu exército para fora da cidade para se envolver com Raymond IV, o exército de cruzados do conde de Toulouse. Arslan, no entanto, foi forçado a recuar atrás das muralhas da cidade depois de saber que os cavaleiros de Raymond eram guerreiros extremamente capazes e ferozes. Eles cortaram as cabeças dos soldados de Arslan e fizeram catapultas para derrubar os muros de Nicéia. O cerco foi resistido até que o imperador Alexios, tendo feito um acordo secreto com os turcos, chegou com seu exército, marchou para a cidade e reivindicou seu império. Isso confirmou a crença dos cruzados de que os bizantinos não eram confiáveis.

Como todas as grandes expedições militares, os cruzados, por causa de seu grande número, enfrentaram problemas logísticos com relação ao suprimento de alimentos para cavaleiros, soldados de infantaria e o enorme trem de não-combatentes. Alimentos e forragens para cavalos eram comprados ou saqueados enquanto o exército seguia para o leste. As terras escassamente povoadas da Anatólia central, por onde passava o corpo principal dos cruzados, não eram ricas em produtos agrícolas. A maior parte das terras agrícolas da região era cultivada por agricultores de subsistência, que forneciam a seus proprietários rendas escassas na forma de grãos e feno colhidos em seus campos secos e rochosos, assim como lã e carne de seus animais. A falta de comida e forragem forçou o corpo principal do exército cruzado a acelerar pela Anatólia. Seus números diminuíram quando essa marcha forçada esgotou muitos, tornando-os suscetíveis a doenças e morte por fome.

Dois dos líderes menores dos exércitos cruzados, Baldwin de Boulogne, irmão de Godfrey de Bouillon, e Tancred, um normando do sul da Itália que

se juntara ao exército de seu tio Bohemond, foram enviados para as férteis planícies da Cilícia, no canto sudeste da Anatólia. descobrir se havia comida e forragem suficientes para sustentar o corpo principal dos cruzados. Baldwin e Tancred lideravam pequenos contingentes de cavaleiros, numerados entre 100 e 300 homens. Apesar de ter apenas alguns combatentes à sua disposição, Tancred conseguiu tirar dos turcos a cidade de Tarso. Quando Baldwin chegou, ele convenceu Tancred a seguir para o leste enquanto organizava a ocupação de Tarso. Um exército de cerca de 300 ítalo-normandos chegou aos portões de Tarso. Esses soldados eram um contingente disperso do exército de Tancred. Baldwin recusou a entrada de Tarso, e os turcos se aproveitaram das forças diminuídas de Baldwin e assassinaram o maior número de cruzados que puderam capturar. Alguns dos cavaleiros de Baldwin se opuseram à rejeição de seu líder de um companheiro de exército cruzado. Para desabafar sua frustração e raiva, eles atacaram os turcos restantes em Tarso e os massacraram.

Quando Baldwin deixou Tarso e alcançou Tancred, seus dois grupos de cavaleiros se enfrentaram, pois os homens de Tancred ficaram indignados com o tratamento que Baldwin fez com seus compatriotas. Alguns cavaleiros foram mortos no confronto e muitos ficaram feridos. Os cruzados que brigavam entre si eram simplesmente uma continuação do código de conduta cavalheiresco europeu, no qual a preservação da honra, associada a um comportamento tenso e muitas vezes brutal, era a causa raiz de disputas e violência física. Como pode ser visto, muitos dos cavaleiros cruzados foram motivados mais pela promessa de uma aventura do que por uma necessidade mais profunda de servir aos interesses de sua religião cristã. Baldwin e Tancred negociaram a paz e seguiram em direções diferentes. Baldwin, que havia formado uma aliança com a minoria cristã armênia na região costeira oriental da Anatólia, era visto por eles como um libertador conveniente dos turcos seljúcidas.

Antioquia, o primeiro objetivo dos cruzados quando chegaram ao Oriente Próximo, foi incrivelmente bem defendido pelos turcos. Tinha paredes extensas e formidáveis, interrompidas por cerca de 400 torres, das quais os arqueiros podiam derrubar um exército sitiante. Em 20 de outubro de 1097, os cruzados cercaram a cidade fortificada. O otimismo dos cruzados por uma vitória rápida desapareceu à medida que o inverno começava, com pouco

progresso sendo feito na luta contra os turcos. Os suprimentos acabaram, levando a mortes por doenças e fome; muitos desertaram também. O cerco mostrou sinais de fracasso quando os cruzados foram incapazes de interceptar suprimentos que os turcos trouxeram para a cidade. Chegaram reforços turcos. Suas duas tentativas em dezembro de 1097 e fevereiro de 1098 e seu próprio cerco aos cruzados em junho de 1098 falharam em levantar o cerco dos cruzados. Nas três ocasiões, os turcos foram atacados pelos cruzados nos arredores de Antioquia. Em uma demonstração de habilidades militares superiores, os cruzados dizimaram os exércitos de socorro turcos.

Foi com a ajuda de Firouz, um rico cristão armênio convertido ao Islã, que os cruzados finalmente tiveram acesso à cidade de Antioquia em maio de 1098. Firouz ajudou o pequeno destacamento de cruzados a escalar a torre que ele controlava antes de abrirem um portão para o principal exército de cruzados a derramar. Quando invadiram a cidade, os habitantes cristãos de Antioquia se levantaram simultaneamente contra seus senhores turcos. O que aconteceu depois foi um massacre massivo dos turcos, permitindo que a cidade estivesse sob controle cristão. Os cruzados e os cristãos de Antioquia temiam que um grande número de tropas turcas chegasse logo à sua porta. A premonição da desgraça foi aliviada um pouco quando um padre local relatou que ele teve um sonho no qual Cristo havia chegado a ele. Ele foi assegurado pelo Filho de Deus que tudo ficaria bem em cinco dias. O moral dos cavaleiros cruzados também foi aumentado quando Peter Bartholomew, um peregrino da Provença, disse a eles que havia sido visitado pelo espírito de Santo André. O bom santo indicara a Pedro Bartolomeu o local na Igreja de São Pedro onde estava enterrada a lança que havia perfurado o lado de Cristo na crucificação. Alguns cavaleiros ansiosos entraram na Igreja de São Pedro e desenterraram a lança. O troféu sagrado foi erguido por um clérigo, que, juntamente com um cronista subsequente da Primeira Cruzada, Raymond de Aguilers, levou o exército cristão para fora da cidade para envolver a coluna de alívio dos turcos. Acreditava-se que a assistência deste talismã sagrado era responsável pelo sucesso dos cruzados em destruir completamente a força turca.

Com a cidade de Antioquia firmemente sob controle cristão, o príncipe de Taranto, Bohemond I, reivindicou a cidade unilateralmente. Ele se opôs a isso por Raymond IV, conde de Toulouse, que lembrou que ambos haviam

prestado juramento de lealdade ao imperador bizantino. Isso significava que Antioquia era propriedade do imperador Alexios. Bohemond negou que ele devesse algo ao imperador bizantino porque o imperador não havia enviado nenhuma de suas tropas para ajudar na tomada de Antioquia. Raymond finalmente admitiu que a assunção de Bohemond do título de príncipe de Antioquia era legal e justa. Sem dúvida, Raymond antecipou sua própria suposição de propriedade sobre um objetivo mais importante dos cruzados, Jerusalém.

Enquanto Antioquia estava sitiado, Baldwin e seu pequeno contingente de cavaleiros na Anatólia organizaram uma expedição para ajudar a governadora cristã armênia de Edessa, Thoros, a lidar com os turcos seljúcidas que estavam assaltando cidades próximas à cidade. Dois líderes armênios, Fer e Nicusus, juntaram-se a Baldwin em fevereiro de 1098, quando ele partiu para o leste para levar Edessa. Depois de se envolver com os turcos no campo ao redor de Edessa e ocupar a cidade, Baldwin aproveitou uma disputa religiosa entre os cristãos de Edessa. Thoros foi derrubado e assassinado em um tumulto precipitado por nobres que se opuseram à sua fé cristã ortodoxa grega. A disputa teológica envolvia diferenças de opinião sobre a verdadeira natureza de Cristo. Os nobres insurgentes eram monofisitas, ou crentes de que Cristo tem uma única natureza divina. A Igreja Ortodoxa Grega, por outro lado, sustenta que Cristo era ao mesmo tempo divino e humano. Com um vácuo de liderança em Edessa, a população cristã aceitou Baldwin como governante de sua cidade e região. Baldwin passou a consolidar seu domínio sobre o que se tornaria o primeiro estado dos cruzados. Ele usava força, diplomacia e subterfúgio sempre que necessário. Ele cimentou sua aliança com os armênios casando-se com a filha de um nobre armênio.

Raymond de Toulouse, que cedeu Antioquia a Bohemond, deixou a cidade com seu exército e sitiou a cidade de Ma'arrat al-Numan, localizada na Síria moderna, na estrada ao sul de Damasco no final de 1098. Pouco antes Ma'arrat havia sido sujeito a ataques de um pequeno contingente de cruzados, e os cruzados foram derrotados por um número inferior de soldados turcos. Então, quando a força de Raymond chegou, os turcos de Ma'arrat estavam confiantes em sua vitória. Como o exército cruzado chegou a Ma'arrat no final de novembro, um cerco prolongado estava fora de questão. Com o início

do inverno, esperava-se que os suprimentos de comida diminuíssem, forçando a retirada dos cruzados de volta a Antioquia.

A milícia turca em Ma'arrat manteve sua cidade por duas semanas, durante as quais os cruzados construíram uma torre de cerco. Derrubando os arqueiros da torre conseguiu derrubar uma seção do muro, e a infantaria de Raymond conseguiu ganhar um ponto de apoio no muro em 11 de dezembro. Para evitar uma batalha que os cruzados claramente estavam vencendo, os cidadãos de Ma'arrat negociaram uma rendição em que foi acordado que eles teriam permissão para sair da cidade com segurança. Os soldados cristãos, quebrando o acordo e os ideais de sua fé, massacraram os muçulmanos. Foi até relatado que os lutadores cristãos famintos se envolveram em canibalismo. O cronista Fulcher de Chartres escreveu;

Tremo ao contar que muitas pessoas, assediadas pela loucura da fome excessiva, cortam pedaços das nádegas dos sarracenos [muçulmanos] já mortos ali, que eles cozinhavam, mas quando ainda não estava suficientemente assado pelo fogo, eles devorou-o com a boca selvagem.

Enquanto os turcos estavam envolvidos na defesa de Antioquia, Ma'arrat e outras cidades da Síria contra ataques cristãos, o controle de Jerusalém havia mudado de mãos. No que é hoje a Palestina moderna, dois grupos de muçulmanos estavam disputando ascensão. O califado fatímida, centrado no Egito, dominava grande parte da região antes da chegada dos turcos seljúcidas da Pérsia. Sob a direção do vizir dos fatímidas, al-Afdal Shahanshah, os fatímidas forçaram os seljúcidas a sair de Tiro em 1097 e, em 1098, tomaram Jerusalém. Um ano depois, em 13 de junho de 1099, os cruzados lançaram seu ataque às forças muçulmanas egípcias que ocupavam Jerusalém. Eles conseguiram violar as paredes externas, mas foram impedidos pela falta de escadas em seu ataque às paredes internas. A falta de suprimentos para um cerco em grande escala foi sanada quando uma flotilha de navios de suprimentos de Gênova chegou ao porto de Jaffa. Os cruzados reabastecidos construíram as escadas necessárias e construíram torres de cerco e catapultas. Ao receber informações de que Al-Afdal havia deixado o Cairo com uma grande força e estava a caminho de aliviar o cerco de Jerusalém, os cruzados apressaram o ataque. Seu eventual sucesso foi previsto por um padre que teve uma visão. Foi-lhe dito que Deus queria que suas forças jejuassem por três dias e depois andassem descalços por

Jerusalém. Com essa mensagem otimista levada a sério, os cruzados empurraram suas catapultas para os muros de Jerusalém, dos quais choveram flechas nos defensores. Escadas foram erguidas e o exército cristão invadiu a cidade em 15 de julho. Logo, as ruas estavam entupidas com os corpos apodrecidos de muçulmanos mortos. Em 22 de julho, Godfrey de Bouillon assumiu o honorífico de Defensor do Santo Sepulcro, e Arnulf de Chocques, um dos clérigos em sua comitiva, foi apontado como Patriarca Latino de Jerusalém.

Para garantir que Jerusalém permanecesse sob controle cristão, Godfrey de Bouillon liderou 10.200 tropas para fora da cidade em 10 de agosto. Com os pés descalços, os Cruzados marcharam para o sul, acompanhados por Arnulf de Chocques carregando uma relíquia da Verdadeira Cruz, a cruz sobre a qual Jesus foi crucificado, descoberto recentemente por Arnulfo de Chocques. Em Jerusalém, o ex-líder da Cruzada do Povo, Pedro, o Eremita, liderou os cristãos em oração.

Fora da cidade de Ashkelon, também conhecida como Ascalon, na costa mediterrânea da moderna Israel, os exércitos cruzados de Godfrey de Bouillon, Raymond IV de Toulouse e Robert II da Normandia lançaram um ataque surpresa às 20.000 tropas de al-Afdal enquanto eles estavam dormindo. Mais da metade do exército de al-Afdal morreu. Al-Afdal conseguiu escapar do massacre embarcando em um navio e navegando de volta ao Egito.

A queda de Jerusalém permitiu a Godfrey de Bouillon criar o Reino de Jerusalém, do qual ele se tornou o governante. No início, o reino era uma federação frouxa de vilas e cidades que haviam sido capturadas durante a Cruzada, mas no auge de seu poder no século XII, o reino incluía o território dos modernos Israel, Palestina e partes do sul do Líbano. Três outros estados cruzados foram fundados nessa época, localizados ao norte - o Condado de Trípoli sob Raymond IV de Toulouse, o Principado de Antioquia sob Bohemond e o Condado de Edessa sob Baldwin de Boulogne. O sistema de Godfrey para organizar o Reino de Jerusalém seguiu o padrão do feudalismo na Europa. Ele criou feudos para seus seguidores mais importantes, que foram obrigados a fornecer cavaleiros e soldados de infantaria para a defesa

do reino. Ao contrário da Europa, os feudos não eram comunidades agrícolas auto-sustentáveis. No lugar da receita de aluguéis em espécie, os feudos dessa região eram financiados diretamente pelo tesouro de Jerusalém. De Jerusalém, Godfrey lançou ataques em 1100 a Acre, Ascalon, Jaffa e Cesareia, forçando essas cidades a se tornarem tributárias.

Em 18 de julho de 1100, Godfrey morreu inesperadamente. As circunstâncias de sua morte não são claras. Segundo um cronista árabe contemporâneo, Ibn al-Qalanisi, diz-se que ele foi morto por uma flecha em uma batalha no Acre. Dois escritores cristãos contemporâneos dizem que ele ficou doente em Cesareia e morreu. É claro que havia rumores de que ele foi envenenado, mas essa era a tarifa padrão na época nas contas da morte dos poderosos, que invariavelmente tinham inimigos reais e imaginários.

Capítulo 3
As consequências da primeira cruzada

Com Edessa firmemente sob seu controle, Baldwin de Boulogne e alguns de seus cavaleiros partiram em peregrinação à cidade cristã de Jerusalém. Ao longo do caminho, eles sofreram baixas em batalhas com os muçulmanos. O pequeno grupo de cavaleiros chegou ao seu destino em 21 de dezembro de 1099. Depois de visitar os lugares sagrados, Baldwin voltou para Edessa. Quando Godfrey, governante do Reino de Jerusalém, morreu em 1100, houve uma luta entre seus retentores pelo trono. O Patriarca Latino de Jerusalém, Arnulf de Chocques, enviou uma delegação a Edessa, pedindo que o irmão de Godfrey, Baldwin, retornasse depois de Jerusalém e assumisse o papel de líder de lá. Ele aceitou o convite e partiu em 2 de outubro de 1100, com cerca de 200 cavaleiros e talvez o dobro desse número de soldados de infantaria. Ele foi recebido em Jerusalém, onde assumiu o título de príncipe e posteriormente foi coroado rei no dia de Natal de 1100. Ele colocou Edessa sob o controle de seu primo, Baldwin de Bourg.

Após a conquista de Jerusalém, muitos dos cruzados voltaram para casa. Estima-se que a guarnição sob o rei Baldwin consistisse em apenas 300 cavaleiros. Fulcher de Chartres escreveu: "Mal ousamos reunir nossos cavaleiros quando desejamos planejar alguma façanha contra nossos inimigos". No entanto, sob a liderança de Baldwin, a área ao redor de Jerusalém foi pacificada. A chegada de cerca de 5.000 cruzados noruegueses sob o rei Sigurd I Magnusson em 1100 serviu para aliviar a crise causada pela falta de combatentes. Os cruzados solidificaram sua posição capturando os portos do Acre em 1104 e Beirute em 1100 e Sidon em 1111. Isso permitiu que o Reino de Jerusalém fosse apoiado pelo comércio marítimo com Gênova, Pisa e Veneza. As maiores contribuições para o tesouro, no entanto, foram receitas provenientes de peregrinos, impostos sobre caravanas árabes que atravessavam o reino e subsídios da Europa.

Baldwin pretendia expandir o território do Reino de Jerusalém. Entre as muitas expedições contra os turcos e os muçulmanos fatímidas egípcios, houve uma contra Damasco. No entanto, na Batalha de Al-Sannabra, Baldwin

foi derrotado pelos turcos seljúcidas. Como era habitual na época, Baldwin solicitou a ajuda dos inimigos de seu inimigo. Assim, ele formou uma aliança com os turcos dissidentes. Em 1115, ele se juntou a um líder turco, Toghtekin, para combater os Seljuks fazendo incursões nas fronteiras do norte.

Livre das ameaças ao norte, Baldwin liderou uma expedição no outono de 1115 através do rio Jordão para lidar com os egípcios. Ele se engajou em um programa de construção de castelo, construindo-os em territórios enquanto eles caíam sob seu controle. Desses castelos ou postos militares, que se estendiam do Golfo de Aqaba até o Mar Morto, Baldwin monitorava o movimento dos egípcios e assegurava uma fonte constante de renda das caravanas envolvidas no comércio entre o Egito e o Extremo Oriente ao longo da Rota da Seda.

Em uma expedição ao território egípcio, onde capturou cidades no delta do Nilo, Baldwin adoeceu. Ele foi transportado de volta à fronteira onde morreu em 2 de abril de 1118. Seu sucessor como rei de Jerusalém, escolhido pelos cavaleiros que mantinham feudos no reino, foi Baldwin de Bourg, conde de Edessa. O rei Baldwin II governou Jerusalém por treze anos. Durante grande parte de seu reinado, ele esteve ausente de Jerusalém, atendendo às necessidades militares do Principado de Antioquia. Seu exército foi praticamente aniquilado pelos muçulmanos em 29 de junho de 1119. Baldwin teve alguns sucessos ao lidar com as crises no norte. Em 1131, ele adoeceu em Antioquia. Ele foi levado de volta a Jerusalém, onde morreu em 21 de agosto.

Durante o reinado de Baldwin II, ocorreu um processo de assimilação na Terra Santa. Fulcher de Chartres relatou que o pequeno número de residentes europeus na Terra Santa logo adquiriu habilidades em falar grego e árabe e se considerava mais levantino que europeu. Parece que a minoria cristã era tolerante com a maioria islâmica; eles, por sua vez, ficaram muito felizes em cuidar de seus rebanhos sem serem molestados pelos invasores, bem como de pagar impostos aos cristãos, o que era a uma taxa menor do que outros muçulmanos tinham que pagar em territórios controlados pelos fatímidas e pelos turcos. Os cristãos evitaram tensões com os muçulmanos em seu reino, deixando-os adorar sem serem molestados e não fazendo nenhum esforço para convertê-los.

Como os cruzados estavam espalhados por todo o reino, as rotas percorridas pelos peregrinos eram muitas vezes perigosas. Um grande massacre de cristãos ocorreu na Páscoa de 1119. Um grupo de muçulmanos de Tiro atacou um grande grupo de peregrinos, matando cerca de 300 e levando os outros como escravos. Este e outros atos de violência contra os peregrinos perturbaram profundamente o cavaleiro francês Hugues de Payns, conde de Champagne. Ele obteve as bênçãos do rei Baldwin II e do Patriarca Latino de Jerusalém para estabelecer uma ordem monástica militar dedicada à proteção dos peregrinos. A ordem recebeu o nome do Monte do Templo. Nela ficava a mesquita de Al-Aqsa capturada. Acreditava-se que, enterradas na terra sob a mesquita, estavam as ruínas do templo do rei Salomão. A nova ordem monástica de Hugues de Payns, que inicialmente consistia em nove cavaleiros, adotou o nome de Pobres Companheiros-Soldados de Cristo e do Templo de Salomão. Eles são mais conhecidos popularmente como Cavaleiros Templários ou, mais simplesmente, Templários.

Antes de Jerusalém cair para os cruzados, um monge beneditino, Gerard Thom, conhecido como Beato Gerard, havia recebido permissão dos árabes para fundar um hospício para os peregrinos que visitavam os locais sagrados. A necessidade de cuidar dos peregrinos aumentou e Gerard construiu o Hospital de São João na década de 1060. Mesmo quando Jerusalém foi sitiada pelos cruzados e os cristãos foram expulsos, Gerard e seus poucos seguidores foram autorizados a permanecer na cidade para cuidar dos doentes. Quando os cruzados sob Godfrey ocuparam Jerusalém, as boas obras de Gerard foram reconhecidas. Mais tarde, o rei Baldwin I e seu sucessor Baldwin II concederam ao grupo de caridade quantias substanciais em dinheiro. Como Gerard recebeu mais assistência, ele pôde expandir sua operação para incluir hospitais subsidiários ao longo das rotas de peregrinação na Europa e no Oriente Próximo. Além disso, além de cuidar de peregrinos doentes e indigentes na Terra Santa e na Europa, Gerard e seus companheiros monges começaram a fornecer escoltas militares para os peregrinos desde sua chegada aos portos da atual Palestina, Israel, Síria e Líbano até os cidade santa. Este trabalho exigia que os homens de Gerard adotassem uma função militar disciplinada semelhante à dos Templários. Eles receberam reconhecimento oficial e independência de toda autoridade secular através de uma bula papal emitida pelo Papa Pascal II em fevereiro de 1113.

Conhecidos como a Ordem de São João, os Cavaleiros Hospitalários seguiram uma regra monástica adaptada à de São Bento e São Bento. Agostinho. Com o dinheiro vindo da Europa, os Cavaleiros Hospitalários adquiriram castelos e estabeleceram guarnições tripuladas por cavaleiros ao longo das principais artérias de peregrinação.

Os sucessos da Primeira Cruzada deveriam permanecer como o ponto alto das expedições cristãs à Terra Santa. Os reveses que se seguiram ao estabelecimento do Reino de Jerusalém levaram a uma série de cruzadas marcadas por uma combinação de brigas internas e fracassos de liderança dos nobres cristãos, enquanto simultaneamente os muçulmanos começaram a se unir sob uma liderança mais forte, que resultou na perda de Controle cristão sobre o Levante.

Capítulo 4
A Segunda Cruzada (1147-1149) O Início do Reino de Jerusalém

A amizade entre muçulmanos e cristãos pode ter existido em Jerusalém e em outras grandes cidades da região, mas no campo, o reino estava cheio de turbulências constantes. Lutadores muçulmanos invadiram dentro e fora do reino.

No outono de 1144, Joscelin II, conde de Edessa, formou uma aliança com os turcos ortoquídicos, também escrita como Artquid turcos, um clã dissidente cuja terra foi ensanduichada entre o sultanato de Rûm na Anatólia e os turcos de Mosul no Iraque atual. . Os soldados ortoquides e os cavaleiros cristãos saíram de Edessa para se envolver com Imad ad-Din Zengi, o líder turco de Mosul e Aleppo. Zengi manobrou as tropas de Edessa, derrotando-as e começou a sitiar a cidade, uma vez que não tinha mais um exército para defendê-la. Na véspera de Natal, os homens de Zengi violaram as defesas fracas de Edessa. Seu exército começou a massacrar os habitantes até Zengi ordenar que seus homens parassem os massacres. Mais tarde, os prisioneiros latinos foram executados, mas os cristãos nativos ficaram ilesos.

A luta para manter os turcos e os fatímidas afastados nos reinos dos cruzados começou a entrar em colapso com a queda de Edessa em 1144. Quando as notícias do desastre em Edessa chegaram à Europa, o papa Eugênio III convocou a Segunda Cruzada. Eugene foi o primeiro papa a vir da ordem monástica cisterciense. Os cistercienses eram uma ordem particularmente austera de monges que seguiam o governo monástico de São Bento em 516 EC. Eugene foi eleito pontífice no mesmo dia em que seu antecessor, o papa Lucius II, sucumbiu a uma ferida sofrida por uma pedra lançada contra ele por uma multidão indisciplinada provocada pela insurgente Comuna de Roma, um governo modelado na antiga República Romana.

O clérigo mais influente da época, o cisterciense Bernard de Clairvaux, embora se opusesse à escolha de Eugene, inseriu-se nos assuntos papais a tal ponto que virtualmente governou a Igreja.

Envolvido em um conflito sobre a extensão da autoridade papal sobre assuntos seculares, Eugene foi forçado a deixar a cidade de Roma para escapar da ira da classe nobre, recuando para o norte, para a França. Foi lá que ele proclamou, em uma bula papal em dezembro de 1145, sua convocação para a Segunda Cruzada. Seu decreto, Quantum praedecessores, foi dirigido ao rei Luís VII da França. O rei francês começou imediatamente os preparativos para uma expedição à Terra Santa. Na Alemanha, o rei dos romanos, Conrad III (no entanto, ele nunca foi coroado imperador do Sacro Império Romano), e seu sobrinho, Frederick Barbarossa, também foram convencidos a se unir à causa depois de ouvir Bernard de Clairvaux pregar sobre a Cruzada. . As coisas começaram bem quando a assembléia dos cruzados alemães foi vítima da mania de matar massacrando os judeus em Mainz e Würzburg. O líder da Ordem Cisterciense, Bernardo de Clairvaux, correu para a Alemanha e exigiu que os cruzados indisciplinados cessassem seus ataques à comunidade judaica.

Bernard conseguiu encerrar o caos entre os cruzados alemães de Conrad. A pedido dele, partiram de casa e viajaram, mais ou menos pacificamente, por terra até Constantinopla. Eles chegaram lá em 10 de setembro de 1147. A violência que acompanhou a chegada dos primeiros cruzados da Europa foi repetida novamente. O exército bizantino derrotou as forças de Conrad em uma batalha fora dos muros de Constantinopla. O imperador bizantino Manuel I Komnenos rapidamente providenciou para que os cruzados fossem transportados através do Bósforo. Se Conrad e seu exército esperavam receber assistência do imperador bizantino, ficaram muito desapontados. Manuel já havia começado a guerra com os turcos que ocupavam a Anatólia negociando uma trégua com eles. Isso significava que ele e seu exército não podiam marchar para o leste em apoio aos cruzados.

Enquanto Conrad se preparava para sua cruzada, o papa expandiu seu apelo pela remoção de muçulmanos de terras cristãs, declarando que a Reconquista da Península Ibérica, que ainda estava sob controle dos mouros, era um objetivo legítimo dos cruzados. Cavaleiros ingleses que tomaram a cruz em resposta ao touro do papa Eugene enquanto navegavam para o sul para entrar no Mar Mediterrâneo foram desviados para a cidade do Porto, em Portugal. Lá, eles foram persuadidos a se aliarem ao rei Alfonso I de Portugal em um cerco contra a cidade moura de Lisboa. Foi prometido aos cruzados ingleses

os espólios da conquista e, portanto, tinham um motivo particularmente forte para participar da Reconquista. O prolongado cerco a Lisboa durou de 1º de julho de 1147, até que os mouros islâmicos se renderam em outubro daquele ano. Com sua nova riqueza de pilhagem, alguns dos cruzados ingleses se estabeleceram em Portugal, tornando-se proprietários permanentes; alguns até aderiram à libertação de outras cidades portuguesas com o objetivo de satisfazer sua paixão por lutar e obter os despojos da vitória. O desvio da Reconquista deixou apenas alguns cruzados ingleses ansiosos para embarcar em navios e navegar para a Terra Santa.

Sem esperar pela chegada dos cruzados franceses, a força expedicionária de Conrad avançou para o território turco seljúcida na Anatólia. Seu exército não se saiu tão bem quanto os comandados anteriormente por Godfrey de Bouillon, Baldwin de Boulogne e Raymond IV de Toulouse na Batalha de Dorylaeum na Primeira Cruzada. Grande parte do exército de Conrad morreu na segunda Batalha de Dorylaeum, em 25 de outubro de 1147. A redução desastrosa no tamanho do número de cavaleiros de Conrad continuou mesmo depois que seu exército foi acompanhado pelos cruzados franceses. Eles chegaram tarde demais para ser de grande ajuda no trato com os turcos.

Os cruzados franceses, sob o comando de Luís VII, partiram de Metz em 15 de junho de 1147. Eles viajaram por terra seguindo a rota usada por Conrad alguns meses antes. O exército cruzado francês reunido foi transportado pelo Bósforo sem obter apoio do imperador Manuel. No entanto, como mencionado acima, os exércitos combinados de Conrad e Louis VII não eram páreo para os poderosos turcos. Após a segunda Batalha de Dorylaeum, o próprio Conrad se retirou para Constantinopla, enquanto algumas de suas tropas na companhia dos franceses navegavam para Antioquia. Após uma curta estadia na capital bizantina, onde Conrad não teve sucesso em obter a ajuda do imperador Manuel, o rei dos romanos partiu para se juntar ao exército na Síria.

Os cruzados franceses, sob a liderança de Luís VII, chegaram a Antioquia com muitas tropas perdidas em combates com os turcos e ainda mais sucumbindo à fome. As forças cruzadas combinadas não foram para o leste para desalojar os turcos de Edessa, que era o foco pretendido da cruzada do

papa Eugene para começar. Em vez disso, eles se mudaram para o sul, para Damasco, um alvo preferido pelo rei de Jerusalém, Baldwin III e pelos cavaleiros templários.

Com o exército de Baldwin apoiado pelas tropas de Louis na vanguarda e o restante do exército de Conrad na retaguarda, os cruzados atacaram Damasco a partir do oeste. A abordagem deles à cidade foi fortemente contestada pelo exército turco, que se aproveitou do erro dos cruzados de escolher uma rota fortemente arborizada para se aproximar. Os cruzados conseguiram, embora a um grande custo, avançar e, em 24 de julho de 1148, expulsaram os turcos de volta à cidade. Eles renovaram seu ataque, desta vez do leste. No entanto, brigas começaram entre os cavaleiros cristãos cujas lealdades variadas tornaram impossível um ataque unificado. O cerco de Damasco foi interrompido principalmente porque os senhores cruzados que haviam assumido feudos ao redor de Damasco se recusaram a cooperar. Com os turcos esperando momentaneamente reforços de lugares tão distantes quanto Mosul, prosseguir com o cerco parecia uma tarefa infrutífera para vários cavaleiros. As disputas sobre estratégia entre as facções dos cruzados levaram Baldwin III e suas tropas a marcharem de volta a Jerusalém. O rei Louis e Conrad seguiram com relutância. Nem conseguiram ganhar nada que se aproximasse da honra em sua Cruzada, nem tentaram libertar Edessa como o papa esperava. Em Jerusalém, os cruzados continuaram brigando. Conrad partiu para Constantinopla para buscar novamente uma aliança privada com o imperador Manuel, e o rei Luís VII, determinando que não havia lucro em permanecer na Terra Santa, retornou à França com seu exército em 1149. Conrad também se tropas de volta à Alemanha.

As conseqüências do fiasco da Segunda Cruzada consistiram na consolidação do controle cristão sobre as ordens do Levante - os Templários e os Hospitalários - os cristãos construíram cerca de cinquenta castelos e fortificações. Esses estabelecimentos militares eram necessários como parte da contínua guerra de atrito, na qual nem os muçulmanos nem os cristãos haviam conquistado vantagem nos territórios que circundavam as principais cidades.

O rei Baldwin III de Jerusalém estava lutando com sua mãe, a rainha Melisende, que serviu como co-governante com seu filho - ambas foram coroadas em 1143. Ele primeiro assumiu o poder em 1152, mas cedeu diante

da oposição à sua ação unilateral. Ele concordou em submeter a disputa pelo controle do reino a um tribunal. O tribunal decidiu que Baldwin manteria sua autoridade sobre a Galiléia, e Melisende governaria a Judéia e a Samaria, mais ricas, que incluíam Jerusalém. Baldwin, não satisfeito com a decisão, atacou os partidários de Melisende no sul e forçou Melisende a procurar refúgio na Torre de David, em Jerusalém. Os dois acabaram se reconciliando com Melisende, assumindo o papel de conselheiro principal de Baldwin e regente quando ele estava fora de Jerusalém em suas frequentes campanhas.

Baldwin enfrentou muçulmanos fatímidas ao sul e turcos seljúcidas no norte. Ambos eram inimigos que não haviam sido tratados decisivamente pela Segunda Cruzada. No norte, Alepo e Edessa estavam firmemente nas mãos de Nur ad-Din, filho de Imad ad-Din Zengi, morto em 1146. Sucesso de Nur ad-Din na luta contra os cruzados, particularmente no cerco de Damasco , o inspirou a atacar Antioquia, que estava sob o controle de seu príncipe, Raymond de Poitiers. Raymond foi derrotado em batalha e morto, deixando Nur ad-Din no controle da maior parte do território do Principado de Antioquia. Com Nur firmemente estabelecido no norte, Baldwin III, em 1153, lançou uma campanha contra a cidade fatimida de Ashkelon, um porto mediterrâneo a oeste de Jerusalém. O exército de Baldwin sitiou Ashkelon, tanto da terra como do mar. Seu exército prevaleceu após um longo cerco, e a cidade ficou sob controle cristão. Foi assumido no condado de Jaffa, no qual alguns dos mais ricos senhores cruzados, ou senhorios feudais, eram mantidos.

Após a morte de Baldwin, em fevereiro de 1163, Amalric I, o segundo filho de Melisende, tornou-se rei de Jerusalém. Sua primeira campanha contra os fatímidas no Egito foi lançada em 1163. Foi parcialmente bem-sucedida contra um inimigo que estava, na época, envolvido em disputas dinásticas. Amalric extraiu grandes somas de tributo antes de expulsar seus cavaleiros e soldados de infantaria dos saques. Em 1164, Amalric voltou a se mover contra o Egito e, como em sua expedição anterior, o objetivo não era libertar os locais sagrados cristãos do controle dos muçulmanos, mas enriquecer seu próprio tesouro e a riqueza de seus cavaleiros. Contudo, não foram obtidos ganhos territoriais substanciais. Na sua ausência de Jerusalém, Nur ad-Din derrotou um grande exército cristão na Batalha de Harim (12 de agosto de 1164). Amalric correu para o norte em auxílio dos cristãos e conseguiu salvar

Antioquia dos turcos.

Em sua incursão final no Egito em 1168, Amalric, tendo que lidar simultaneamente com a complicação da interferência dos bizantinos, fez uma trégua com o novo sultão do Egito, Salah ad-Din. Salah ad-Din, ou como era conhecido pelos cristãos Saladino, era um muçulmano sunita nascido em Tikrit no Iraque moderno. Ele subiu nas fileiras do exército de Nur ad-Din. Ele foi enviado ao Egito em 1164 para interferir na luta pelo poder fatímida. Permanecendo lá, ele conseguiu ganhar avanços no exército muçulmano xiita isma'ili e no governo do Egito. Em 1169, em um raro exemplo de acordo cruzado, ele foi nomeado vizir. Ele começou a minar a autoridade fatímida e, após a morte do último líder fatímida, aboliu o califado e alinhou o Egito com o califado abássida centrado em Bagdá. Nos anos seguintes, as tentativas de Saladino de conquistar os cruzados falharam, mas ele conseguiu derrotar os turcos na Síria, conquistando Damasco em 1174, Edessa e Aleppo em 1175 e em 1183, ele assumiu um título expandido, indicando que não estava. somente o sultão do Egito, mas também da Síria. Com efeito, ele conseguiu cercar o Reino Cristão de Jerusalém. Ele fortaleceu sua posição fazendo um tratado com os bizantinos agora praticamente sem poder para lutar em conjunto contra os cristãos na Terra Santa.

Na campal Batalha de Hattin, perto de Tibério, localizada em Israel nos dias atuais, em 4 de julho de 1187, Saladino, liderando entre 20.000 e 40.000 soldados, derrotou os cristãos que colocavam entre 18.000 e 20.000 homens liderados por 1.200 cavaleiros. Milhares de soldados cristãos foram mortos; apenas cerca de 200 cavaleiros cruzados deixaram o campo de batalha vivo. Todos os templários e hospitaleiros capturados foram decapitados. Guy de Lusignan, coroado rei de Jerusalém em 1186, foi capturado e preso. Após esse massacre, cruzados desanimados fugiram de seus castelos para se esconderem atrás dos muros protetores de Jerusalém. A segurança desse paraíso terminou quando também caiu para Saladino no início de outubro de 1187. Embora Saladino libertasse milhares de cristãos e permitisse a compra da liberdade de milhares de outros cristãos, talvez até 15.000 cristãos fossem vendidos como escravos . Refugiados dos ataques de Saladino reuniram-se nas únicas cidades remanescentes sob controle cristão - Antioquia, Tiro e Trípoli. Tire se tornou o objeto da próxima campanha de Saladino. Foi salva pelos cristãos, graças às habilidades estratégicas de Conrad de Montferrat,

que chegou da Europa em pouco tempo. Ele organizou os defensores, destruiu habilmente a frota de Saladino que bloqueava o porto, e se afastou da cidade e derrotou o exército de Saladino.

Capítulo 5
A Terceira Cruzada (1189-1192) - A Cruzada do Rei

A queda de Jerusalém para Saladino causou indignação na Europa. O papa recém-eleito, Gregório VIII, acreditava que a perda da Terra Santa era o castigo de Deus pelos pecados dos cristãos. Ele emitiu um touro pedindo uma cruzada para restaurar todos os locais de peregrinação sob controle cristão.

Henrique II da Inglaterra e Filipe II da França, assim como várias contagens francesas e flamengas, concordaram em iniciar os preparativos para a Terceira Cruzada, que ficou conhecida na história como a "Cruzada do Rei". O papa convenceu o sucessor e a coorte de Conrad III durante a Segunda Cruzada, Frederick Barbarossa, que foi coroado como o imperador do Sacro Império Romano em 1155, para participar da campanha. Ele assumiu a cruz em Mainz em 27 de março de 1188. Frederick, 67 anos, era por si só o líder secular mais poderoso da Europa. Seu império se estendia do Báltico à Itália e da Hungria à França. Como tal, ele conseguiu alistar um número enorme de cavaleiros que lhe deviam lealdade. Os historiadores modernos estimam o tamanho de seu exército como variando de 100.000 homens, incluindo 20.000 cavaleiros, a um número menor em torno de 14.000 homens e cerca de 4.000 cavaleiros.

Frederick Barbarossa levou seus cavaleiros, infantaria e seus servos por terra, pela Hungria e Sérvia até a Grécia e para a Trácia. Lá, ele se deparou com as tropas do imperador bizantino Isaac II Angelos. Isaac, agindo de acordo com um tratado que havia concluído com Saladino, lutou contra os cruzados para impedir seu progresso no leste. O grande exército de Frederico derrotou rapidamente os bizantinos e eles receberam passagem segura por Constantinopla no outono de 1189 e viajaram para a Síria. No entanto, Frederick foi morto em um afogamento acidental que ocorreu pouco antes de seu objetivo de Antioquia. Muitas de suas tropas então desertaram para voltar para a Alemanha. As tropas alemãs já enfraquecidas que escolheram continuar sucumbiram à doença, diminuindo ainda mais suas forças. Como resultado, quando o exército alemão chegou ao Acre, ele consistia em apenas

5.000 soldados. O sucessor de Frederick como líder das forças alemãs, seu filho Frederick VI, da Suábia, enterrou seu pai na Síria e se preparou para recomeçar os ataques aos muçulmanos.

Em 6 de julho de 1189, Henrique II, rei da Inglaterra, morreu antes do lançamento da nova cruzada. Ele, juntamente com Filipe II, rei da França, fez a cruz em 1188. O filho de Henrique, Richard I, fez a cruz independentemente em 1187 em seu escritório como conde de Poitou na França. Richard, também conhecido como Richard Coeur de Lion e mais conhecido como Richard the Lionheart, lançou uma insurgência sem sucesso contra seu pai em 1173. Alguns historiadores suspeitam que sua mãe, Eleanor da Aquitânia, tenha instigado essa revolta. O príncipe Richard deixou a Inglaterra e entrou em suas próprias terras na França, onde firmou seu controle fazendo uma aliança primeiro com o rei Luís VII da França e depois com seu sucessor Filipe II, conhecido como Philip Augustus. O clímax da revolta de Richard ocorreu quando seu exército enfrentou os cavaleiros de Henrique II em uma batalha em Ballans, na região de Nouvelle-Aquitaine, em 4 de julho de 1189. Richard emergiu como vencedor. Após a morte de seu pai, dois dias depois, ele se declarou rei da Inglaterra e, em 3 de setembro de 1189, foi coroado na Abadia de Westminster.

Com dinheiro no tesouro real, alguns dos quais foram coletados como dízimos de dez por cento cobrados por Henrique II para a preparação da nova Cruzada após a vitória de Saladino em Hattin, na Terra Santa, Richard conseguiu levantar um exército cruzado substancial, que incluía cavaleiros recrutados de seus feudos ingleses, bem como de suas dependências na França, que incluíam Normandia, Aquitânia, Gasconha e Bretanha. A partida da força de Richard foi adiada porque ele teve que estabelecer apoiadores leais para proteger sua autoridade na Inglaterra e administrar seus bens franceses enquanto ele estava fora. Tanto Philip quanto Richard estavam cientes do perigo de ataques em seus territórios durante sua ausência na Cruzada - ambos protegendo sua soberania sobre partes da França -, então era necessário que ambos deixassem seus reinos para garantir que não houvesse desequilíbrio. deve começar a guerra.

Richard e Philip, aliados apenas com a finalidade de fazer a cruz, levaram

seus exércitos primeiro à Sicília. Os cidadãos de Messina, temendo a presença de um grande número de tropas estrangeiras, revoltaram-se. Eles foram logo derrubados por Richard, que atacou Messina e saquearam e queimaram a cidade. As tensões entre Philip, Richard e o rei da Sicília, o rei Tancred, atingiram um ponto de ebulição, mas os três conseguiram assinar um tratado de paz resolvendo alguns de seus problemas. O principal ponto de discórdia foi a prisão da irmã de Richard, Joana da Inglaterra. Como era comum na diplomacia medieval, ela se casara com o rei Guilherme II da Sicília em 1177. Quando William morreu em novembro de 1189, seu trono foi usurpado por seu primo, o atual rei Tancredo. O tratado entre Philip, Richard e Tancred garantiu a liberdade de Joan, a restituição de seu dote, e estabeleceu que o sobrinho e herdeiro de Richard, Arthur da Bretanha, se casaria com uma das filhas de Tancred.

Noivos e casamentos reais e nobres foram a causa de muitos atritos durante a Idade Média, e uma disputa eclodiu entre Philip e Richard sobre o noivado deste último com a irmã de Philip, Alys. Segundo os rumores da época, ela era a amante do pai de Richard. Os reis franceses e ingleses, perpetuamente desconfiados dos motivos um do outro, concordaram com o término do noivado de Alys com Richard. Em seu lugar, Berengaria, a filha do rei de Navarra, foi prometida a Richard. Sua adequação como esposa para Richard foi, é claro, decidida com base na diplomacia baseada em suas conexões familiares. Em 1190, ela foi levada a Richard na Sicília pela mãe de Richard, Eleanor da Aquitânia. Lá, a irmã de Richard, Joan e Berengaria, se tornaram grandes amigas. Ambos embarcaram em um navio da frota de Richard que partiu da Sicília em direção à Terra Santa.

O navio que transportava a noiva de Joan e Richard, Berengaria de Navarra, encalhou em Chipre. Em terra firme, a segurança deles estava ameaçada pelo governador da ilha, Isaac Komnenos, o sobrinho-sobrinho do imperador bizantino Manuel I Komnenos. Para resgatar seus parentes, Richard voltou sua frota para Chipre, invadindo a ilha e depondo Isaac. Tendo quase perdido sua noiva, Richard se apressou em santificar sua união, casando-se com Berengaria em Limassol, Chipre, em 12 de maio de 1191.

Antes que os cruzados ingleses e franceses chegassem à costa da Terra Santa, o rei de Jerusalém, Guy de Lusignan, que havia sido libertado do cativeiro por Saladino em 1188, iniciou uma campanha contra o exército de Saladino

para restaurar partes de seu reino. recentemente perdido para os muçulmanos. Ele colocou os olhos em Acre, então uma das principais guarnições de Saladino. Com o exército dos cruzados praticamente derrotado na batalha de Hattin, Guy só conseguiu montar um pequeno exército de cerca de 8.000 soldados de infantaria e cerca de 600 cavaleiros. Seu ataque surpresa inicial em 1189 falhou. Ele montou acampamento fora de Acre e aguardou a chegada das frotas dos cruzados. Um contingente de normandos da Sicília estacionou no porto de Acre, mas eles abandonaram sua missão ao saber da morte de seu rei, Guilherme II, em 11 de novembro de 1189. Eles foram substituídos por uma flotilha de cruzados do norte da Europa que bloqueavam o Porto. As forças de Guy repeliram com sucesso um ataque de Saladino, mas não antes de sofrer severas perdas.

Saladino, com reforços trazidos pelo mar e por terra, continuou a se envolver com o exército de Guy, que foi fortalecido com a adição de cruzados que chegaram da Europa. No início de 1191, Guy, tentando tirar proveito da destruição parcial dos muros do Acre, lançou um ataque. Infelizmente, para ele, falhou. Em fevereiro, Saladino conseguiu um avanço por terra. Rompendo as linhas dos cruzados, ele conseguiu aliviar os defensores do Acre.

Em abril de 1191, a frota de navios genoveses fretados do rei Filipe II chegou ao porto de Acre e seu exército se juntou ao cerco à guarnição de Saladino na cidade. As tropas do rei Richard I chegaram a bordo de cerca de 100 navios em junho. Sendo o primeiro a chegar à Terra Santa, o rei Filipe assumiu a liderança. Ele construiu máquinas de cerco e trebuchets, ou catapultas, e treinou-os nas paredes do Acre. Sempre que uma brecha nas muralhas era feita, o exército de Saladino atacava o acampamento cristão. Essa distração permitiu que os defensores do Acre reparassem as paredes. O impasse chegou ao fim quando a guarnição se ofereceu para se render aos cruzados. Foi negociado um tratado de paz no qual Saladino concordou em trocar prisioneiros com os cruzados e fazer três pagamentos substanciais de resgate da guarnição encarcerada. No final de julho, Philip partiu e retornou à França. Sua saída da Terra Santa foi necessária, pois surgiu uma crise na sucessão da liderança de uma de suas dependências mais importantes da França, que ele temia ser vulnerável a ataques ingleses.

Em agosto de 1191, Richard I, agora o único comandante da Terceira

Cruzada, marchou para o sul com cerca de 4.000 cavaleiros e 14.000 soldados de infantaria. O exército de Saladino o seguiu. Seus arqueiros perseguiram os cruzados por trás, mas os soldados de Richard se afastaram, voltando-se para combatê-los de frente. A disciplina dos homens do rei Ricardo foi até comentada pelos cronistas muçulmanos das Cruzadas. Seguindo o comando de seu líder Richard, os Cruzados não responderam a serem atormentados pelos arqueiros de Saladino. Os arqueiros muçulmanos foram, de qualquer forma, dificultados pelo uso do arco recurvado. As flechas que disparavam à distância ficavam abaixo da marca ou se atingiam os homens de Richard, eram, na maioria das vezes, ineficazes em penetrar na armadura. Por outro lado, os arqueiros dos cruzados usavam as bestas muito mais poderosas e consideravelmente mais precisas. Seus raios mais curtos eram muito mais mortais a uma distância maior e eram capazes de penetrar na armadura dos soldados de Saladino.

Movendo-se para o sul ao longo da costa da Palestina moderna, o exército de Richard acampou ao lado da floresta de Arsuf. Saladino reuniu seu exército na planície aberta do interior da região florestal, suas forças totalizando cerca de 25.000 soldados. A maioria deles era arqueiros montados e cavalaria leve, com uma minoria sendo soldados de infantaria. Historiadores modernos estimam o exército de Richard em algo em torno de 20.000. Eles eram compostos de ingleses, normandos, franceses e outros cruzados europeus, além de combatentes vindos dos cavaleiros do Reino de Jerusalém. Toda a força foi guardada na retaguarda pelos Cavaleiros Hospitalários.

Em 7 de setembro de 1191, o exército de Richard deixou seu acampamento, com os Cavaleiros Templários em pé na vanguarda. Eles foram seguidos por contingentes de tropas organizadas por seu país de origem europeu e, mais uma vez, foram seguidos pelos Cavaleiros Hospitalários. Ao se aproximarem da floresta de Arsuf, os guerreiros de Saladino, escondidos entre as árvores, saíram e atacaram o exército de Richard. Como era seu costume, arqueiros e atiradores de lança abriram caminho para a horda trovejante de arqueiros montados e lutadores de espadas. Como o autor anônimo da crônica contemporânea, Itinerarium Regis Ricardi, afirmou: "Na verdade, nosso povo, tão pequeno em número, foi cercado pelas multidões dos sarracenos, que eles não tinham como escapar".

Os ataques repetidos das tropas de Saladino não impediram o avanço de Richard. Os Hospitallers da retaguarda, no entanto, não cumpriram suas ordens. Impacientes por serem atormentados por trás, eles se viraram e avançaram contra os homens de Saladino. Richard, entendendo que os hospitaleiros deveriam ser destruídos nesse ataque, virou todo o exército e lançou uma batalha total. Os cruzados, todos impacientes para entrar na briga, derrotaram completamente o exército de Saladino. Richard interrompeu seu avanço e, depois de reorganizar suas tropas, liderou uma segunda investida. Sua ferocidade pessoal na batalha foi registrada na crônica Itinerarium. “O rei extraordinário, derruba os turcos em todas as direções ... onde quer que ele se virasse, brandindo sua espada, ele abriu um caminho largo para si mesmo.” Ele derrubou o inimigo “como um ceifador com sua foice.” Depois de reagrupar seus homens para uma Na segunda vez, Richard lançou um terceiro ataque, após o qual as tropas de Saladino recuaram.

A Batalha de Arsuf provou a coragem dos Cruzados. Saladino não era invencível, como sua reputação pareceria, afinal. No rescaldo, os cruzados de Richard tomaram o porto de Jaffa. Saladino retirou suas tropas de várias guarnições ao longo da costa da Palestina moderna, e a que ele reteve, Darum, Deir al-Balah, na Faixa de Gaza, foi mais tarde tomada à força pelo rei Richard. Com a região costeira segura, os cruzados estavam prontos para tomar Jerusalém.

Em novembro de 1191, os cruzados de Richard avançaram nas forças de Saladino em Jerusalém. Ele solicitou ajuda de Conrad de Montferrat, o governante de Tiro. Conrad tinha sido um defensor de Richard, repetidamente. Uma das razões para isso foi sua lealdade ao imperador bizantino Isaac II Angelos. Depois de ajudar Isaac II a reprimir uma revolta, Conrad havia chegado à Terra Santa em 1187. Entrou em Tiro no momento em que seu governante estava prestes a render a cidade a Saladino, que, impulsionado por sua vitória em Hattin, foi na marcha para o norte. Conrad assumiu o controle e lutou contra dois cercos por Saladino. Nas negociações para a rendição de Tiro, Saladino se ofereceu para libertar o pai de Conrad, William V de Montferrat, e pagar Conrad. Conrad não ficou tentado. Surgiram problemas para Conrad quando Saladino libertou o rei Guy de Jerusalém, que havia sido capturado em Hattin em 1187. Após sua libertação, Guy e seu irmão, assim como sua esposa e co-governante, Sibylla, foram a

Tyre e exigiram que Conrad entregasse a mão. sobre o controle da cidade. Ele recusou, dizendo que Guy havia perdido seu reino com sua captura em Hattin. A questão de quem deveria governar o Reino de Jerusalém era, de acordo com Guy, uma questão a ser decidida pelos reis europeus a caminho da Terra Santa. Surgiu uma luta interna sobre o legítimo sucessor do trono. Isso fornece um excelente exemplo da complexa cultura medieval das alianças familiares e da luta pelo poder.

O rei de Jerusalém, Guy de Lusignan e a rainha Sibylla, juntamente com os recém-chegados cruzados, foram para Acre, onde sitiaram a cidade. No meio do impasse no Acre, Sibylla morreu em 25 de julho de 1190. Conrad de Montferrat em Tiro, que havia sofrido bastante com as agressões do rei Guy e da rainha Sibylla, se opôs à declaração de que a herdeira do trono de Jerusalém era Isabella, meia-irmã de Sibylla. Ela era casada com o cruzado Humphrey IV de Toron, que ocupava um castelo no que é hoje o Líbano. Conrad, aliando-se a alguns cortesãos violentos, conseguiu anular o casamento de Isabella, e ele se casou com ela. Foi assim que Conrad afirmou que era o legítimo rei de Jerusalém.

Após a queda do Acre, as negociações levaram à confirmação de que Guy era o legítimo rei de Jerusalém e que Conrad seria seu sucessor. Isso foi revertido quando foi decidido votar entre os nobres sobre quem deveria ser o rei. A disputa centrou-se na lealdade dos dois candidatos ao trono. Guy era um vassalo de Richard I, e Conrad foi apoiado por seu primo, Leopoldo V da Áustria, um primo do rei Filipe II da França. Em abril de 1192, os barões elegeram Conrad como rei devido ao apoio que ele tinha. Para compensar Guy por sua perda, Richard vendi a ele o senhorio de Chipre. Ele estava motivado a fazer isso para evitar que Guy retornasse a Poitou na França, onde provavelmente causaria problemas no domínio francês de Richard.

Conrad de Montferrat, no entanto, não recebeu o prêmio de ser coroado rei de Jerusalém. Enquanto passeava pelas ruas de Tiro em 28 de abril de 1192, ele foi esfaqueado por dois Hashshashin, uma ordem de assassinos, e foi mortalmente ferido. Não havia escassez de suspeitos de quem poderia ter contratado os assassinos. Alguns dizem que foi o próprio rei Richard, outros suspeitam do primeiro marido de Isabella, Humphrey IV de Toron, e alguns até sugerem que foi o próprio Saladino.

Baldwin IV, rei de Jerusalém de 1174 a 1185, deixara um testamento em que afirmava que o herdeiro mais legítimo deveria governar como regente até que a sucessão fosse resolvida pelos reis da Inglaterra, França e pelo Sacro Imperador Romano. Com a morte de Baldwin IV, que herdara seu trono de seu pai Amalric I, o Reino de Jerusalém passou para o menor Baldwin V, ou Baldwin de Montferrat, sobrinho de Baldwin IV. Após um reinado de pouco mais de um ano, ele morreu em 1186. Foi sucedido por Sibylla, um dos dois filhos sobreviventes de Amalric.

Antes de assumir o trono, Sibylla havia sido objeto de intensas negociações para um cônjuge apropriado para que ela pudesse produzir um herdeiro do trono. Baldwin IV providenciou que ela se casasse com William Longsword de Montferrat, primo do rei francês e do imperador romano. Menos de um ano após o casamento, William morreu. Sibylla conseguiu produzir um filho, a quem chamou de Baldwin. A viúva e o herdeiro presuntivo do Reino de Jerusalém foram vistos como excelentes prêmios por Filipe da Flandres, que exigiu que ela se casasse com um de seus vassalos. Seu plano foi rejeitado pelo tribunal. Outras alianças conjugais também foram propostas. Entre eles estavam os cavaleiros cruzados Baldwin de Ibelin, Guy de Lusignan e Hugh III da Borgonha. Qualquer uma dessas alianças teria o benefício de garantir o apoio militar europeu ao Reino de Jerusalém. Sibylla acabou se casando com Guy com quem ela co-governou, produzindo para ele duas filhas.

O rei Ricardo I da Inglaterra não retomou Jerusalém. Ele se aproximou da Cidade Santa duas vezes, mas foi forçado a recuar. Depois de ser espancado pela segunda vez por Saladino, Richard consultou seus nobres mais poderosos. O conselho do exército estava dividido. A maioria queria atacar a base de poder de Saladino no Egito, mas os cavaleiros franceses liderados pelo duque da Borgonha queriam atacar Jerusalém. Um ataque abortivo foi feito no sul contra os egípcios. Isso só dividiu ainda mais os nobres em disputa quanto ao que fazer. Richard, agora doente e com a intenção de voltar para casa, fez uma trégua com Saladino em 2 de setembro de 1192. Saladino prometeu aos peregrinos cristãos livre acesso a Jerusalém e concordou com o nivelamento de suas fortificações em Ashkelon.

Como a maioria dos líderes dos exércitos cruzados, Richard sempre estava

atento às ameaças ao seu poder em casa. Seu irmão, João, e o rei Filipe II da França representavam um perigo constante para seu controle sobre suas terras inglesas e francesas. Em 9 de outubro de 1192, Richard embarcou em um navio para levá-lo de volta à Europa. Sua jornada acabou sendo ainda mais perigosa do que permanecer na Terra Santa. Devido a tempestades, sua embarcação buscou segurança no porto da ilha de Corfu. Isso colocou Richard em risco de ser capturado pelo imperador bizantino Isaac II Angelos, que estava descontente com a conquista de Chipre por Richard e sua entrega a um de seus vassalos. Richard escapou de Corfu disfarçado de cavaleiro templário, mas o navio em que ele estava viajando foi naufragado perto de Aquileia, localizado na cabeceira do mar Adriático. Forçado a viajar por terra, Richard e suas tropas foram capturados perto de Viena pouco antes do Natal por Leopoldo V, duque da Áustria. Ele acusou Richard de cumplicidade no assassinato de seu cunhado, Conrad de Montferrat. Quando ele estava participando da Cruzada, Leopoldo sofreu a indignidade de ter seu papel na captura do Acre ignorado por Richard. Ele assumiu o comando das tropas do Sacro Império Romano com a morte de Frederick Barbarossa e sentiu que havia se equipado bem no cerco e, portanto, devia o mesmo tipo de autoridade que os reis da França e da Inglaterra. Sua bandeira foi lançada sem cerimônia pelas muralhas da cidade por Richard, de modo que apenas os reinos de Jerusalém, Inglaterra e França estavam voando nas muralhas do Acre.

A prisão de Leopold de Richard, o Coração de Leão, foi condenada pelo Papa Celestino III, com o argumento de que os cruzados que cumpriam o dever de Deus estavam imunes à autoridade secular. O duque da Áustria foi assim excomungado por suas ações. Leopoldo se livrou do prisioneiro entregando-o ao Sacro Imperador Romano Henrique VI. O próprio Henry havia sido, em sua mente, traído por Richard. Especificamente, sua queixa envolveu o apoio da Plantagenet à família de um dos nobres rebeldes de Henrique, Henrique, o Leão da Saxônia, e sua perda do sul da Itália para este aliado de Richard. Henry segurou Richard como resgate, esperando conseguir o suficiente para financiar uma expedição ao sul da Itália para recuperar terras perdidas para seu império, exigindo uma quantia enorme pela libertação do rei da Inglaterra. Em resposta a isso, o papa quase o excomungou. No entanto, a mãe de Richard, Eleanor da Aquitânia, trabalhou diligentemente para

aumentar o resgate. Os ingleses foram tributados e o ouro e a prata das igrejas foram confiscados. Enquanto ela estava ocupada coletando o dinheiro, Henry recebeu outra oferta. O irmão de Richard, João, e o rei Filipe da França prometeram uma quantia mais substancial se Henrique o mantivesse até o outono de 1194. Henrique rejeitou esta oferta e libertou Richard em 4 de fevereiro de 1194.

Enquanto Richard estava em cativeiro, seu irmão João se revoltou e Filipe da França invadiu o Ducado da Normandia. Após sua libertação, Richard correu para suas terras normandas e iniciou um programa para melhorar as defesas. Sua construção principal foi um enorme castelo, o Château Gaillard, que começou em 1196. Essa estrutura normalmente levaria pedreiros medievais por pelo menos dez anos para ser construída, mas as fortificações caras foram concluídas em dois anos. A velocidade do trabalho neste edifício foi resultado da supervisão meticulosa de Richard da construção. É provável que o próprio Richard tenha sido o arquiteto geral do Château Gaillard. Era uma estrutura inovadora com três paredes de perímetro envolvendo fossos secos. A muralha interna e as paredes concêntricas eram equipadas com maquinações, ou aberturas suspensas fora das paredes das quais pedras ou óleo fervente ou água podiam ser jogados sobre as tropas inimigas na base das muralhas. Esse foi um dos primeiros usos da maquinação na Europa. Sua aparição no Château Gaillard foi atribuída ao intenso estudo de Richard sobre a construção de um forte muçulmano na Terra Santa.

A guerra de Richard contra o rei Filipe foi apoiada por vários nobres aliados que guardavam ressentimentos contra o rei francês. A habilidade de Richard em negociar com possíveis apoiadores era formidável, tanto enquanto ele estava na Cruzada quanto enquanto assegurava sua participação na Normandia. No último empreendimento, ele recebeu cavaleiros dos exércitos de Baldwin da Flandres e Renaud, conde de Boulogne. Até sua morte em 1194, Sancho VI de Navarra ajudou a forçar Philip a enviar tropas para combatê-lo no sul. Richard conquistou várias vitórias sobre Philip. Como era comum na época, um monarca passou uma quantidade significativa de tempo suprimindo revoltas entre seus nobres dependentes. Em uma dessas expedições, Richard atacou Aimar V, visconde de Limoges, e cercou seu castelo, onde havia rumores de que grandes caches de ouro estavam armazenados. Uma noite, Richard, sem usar a cota de malha, vagou ao pé das

muralhas do castelo, inspecionando o trabalho de seus sapadores. Ele foi baleado por uma besta de cima. A remoção do ferrolho foi fracassada e a ferida ficou gangrenosa. Richard morreu em 6 de abril de 1199. Foi sucedido por seu irmão, rei João, que perdeu quase todas as terras inglesas na França para Filipe II.

Capítulo 6
A quarta cruzada (1202-1204) - O Império Latino de Constantinopla e a Cruzada das Crianças (1212)

O fracasso da Terceira Cruzada em restaurar Jerusalém, o mais santo de todos os lugares cristãos do mundo, ao controle cristão irritou os eclesiásticos europeus. O primeiro deles foi o papa Inocêncio III, que foi eleito para o cargo mais alto da igreja em janeiro de 1198. Ele viu a captura de Saladino por Jerusalém em 1187 como resultado da degeneração moral dos príncipes cristãos. Por estarem com falta de autoridade moral, Inocencio III considerou as autoridades seculares desqualificadas para nomear cargos eclesiásticos e totalmente injustificadas ao se intrometer nos assuntos da Igreja. Em parte para enfatizar sua autoridade, Inocêncio III publicou uma bula papal, Post Miserabile, na qual ele pedia uma nova cruzada logo após sua eleição. Ele começou afirmando que os muçulmanos acreditavam que haviam "enfraquecido e destruído as lanças dos franceses" e que haviam "esmagado os esforços dos ingleses". Segundo o papa, os muçulmanos estavam se aquecendo na derrota dos cristãos, dizendo que a vitória deles foi possível porque os cruzados “preferem lutar um com o outro, por sua vez, a experimentar mais uma vez nossa força e poder”. O papa pediu aos eclesiásticos que pedissem uma renovação do espírito das cruzadas, para que os cristãos renovassem suas religiões. entusiasmo e preste atenção “em como nossos inimigos nos perseguem”. Entre os mais bem-sucedidos em levar a mensagem do papa ao povo estava Fulk de Neuilly, um clérigo francês que persuadiu o conde Theobald III, conde de Champagne, a cruzar. Theobald foi escolhido como o primeiro líder da nova Cruzada, mas morreu em 1201. Foi substituído como líder principal da Cruzada pelo italiano Bonifácio I, marquês de Montferrat, cujo pai participara da Segunda Cruzada e cujos irmãos eram William “Longsword”, conde de Jaffa e Ascalon (também conhecido como Ashkelon) e rei Conrad de Jerusalém. Bonifácio, segundo seu amigo e poeta da corte, Raimbaut de Vaqueiras, já havia se envolvido em atividades cavalheirescas que mereciam a honra de serem contadas em baladas líricas. Ele havia resgatado uma herdeira, Jaopina de Ventimiglia, cujo tio a aprisionou na

tentativa de roubar sua herança. Ele também foi ao resgate de Saldina de Mar, filha de um comerciante genovês que havia sido seqüestrado pelo cunhado de Bonifácio. Boniface gentilmente a devolveu aos braços de seu amante. Claramente, Bonifácio de Montferrat tinha as qualidades necessárias para liderar uma Cruzada.

Quando ele pediu o lançamento da Quarta Cruzada, Inocente recebeu apoio significativo na França. Ele financiou a campanha cobrando primeiro um imposto sobre o clero, que deveria render um quadragésimo de sua renda e depois persuadir o monarca inglês, o rei João e o rei Filipe II da França a prometer uma quantia semelhante de sua renda a a causa. O rei João também decidiu que esse imposto seria cobrado em todo o seu reino. Esse compromisso teve repercussões importantes na extensão de seu poder como rei.

O primeiro desafio enfrentado pelo líder da Quarta Cruzada foi garantir o transporte para o Egito, onde pretendia dar um golpe contra o poder muçulmano predominante no leste. Foi feito um acordo com a cidade de Veneza, liderada pelo cego Doge Enrico Dandolo, para fornecer uma frota de navios suficientes o suficiente para transportar 4.500 cavaleiros e seus cavalos, 9.000 escudeiros e 20.000 soldados de infantaria em todo o Mediterrâneo. O comboio deveria ser protegido por cinquenta cozinhas de combate. Uma frota tão grande exigia um ano para se preparar. Novos navios foram construídos nos estaleiros venezianos e equipes foram treinadas para manejá-los. Por seu serviço, os venezianos deveriam receber 94.000 marcos.

Em junho de 1202, a frota estava pronta e os cruzados foram reunidos para embarcar. Infelizmente, o exército de combatentes, a maioria deles da França e da Lombardia, no norte da Itália, ficou muito aquém do valor a ser pago aos venezianos. O pagamento prometido aos venezianos, que seria aumentado cobrando a cada um dos cavaleiros que viajassem a bordo do navio, caiu cerca de 43.000 marcos abaixo da meta. A situação dos cruzados foi registrada em uma crônica On the Conquest of Constantinople, que foi escrita por um dos cruzados, Geoffrey de Villehardouin. “Todo homem no exército foi chamado a pagar o custo de sua passagem. Um número considerável

considerou que eles não podiam pagar o valor total ... O dinheiro arrecadado não equivalia à metade, muito menos ao todo, da quantia necessária. ”Incapaz de cumprir seu contrato com os venezianos, os nobres debateram se deveriam emprestar dinheiro. ou perder seus depósitos e voltar para casa. Vários cavaleiros entregaram o que tinham aos venezianos. “Foi uma maravilha ver os muitos serviços de mesa de ouro e prata levados ao palácio dos Doges para compensar o pagamento devido.” O Doge de Veneza, Enrico Dandolo, concordou em renunciar temporariamente à dívida restante, esperando ser pago de volta pelos despojos da Cruzada. Ele também concordou em fornecer tropas venezianas adicionais para a expedição.

Um domingo, os venezianos se reuniram na Igreja de São Marcos de Veneza, e o Doge escolheu se dirigir aos cruzados.

Você está associado às pessoas melhores e mais corajosas do mundo, no maior empreendimento que alguém já empreendeu. Agora eu sou um homem velho, fraco e precisando de descanso, e minha saúde está falhando. Mesmo assim, percebo que ninguém pode controlar e direcionar você como eu, que sou seu senhor. Se você consentir em que eu pegue a cruz para que eu possa protegê-lo e guiá-lo ... irei viver ou morrer com você e com os peregrinos.

Os venezianos e seu líder estavam ansiosos para ingressar na Cruzada porque planejavam desviar o exército para Constantinopla e restaurar Alexios IV Angelos, filho do imperador Isaac II Angelos, no trono bizantino. A condição de apoio exigida por Dandolo, que se tornou o verdadeiro líder da Cruzada, era que a frota fizesse um desvio em sua jornada ao Egito e lidasse com os inimigos de Veneza. Nenhuma menção foi feita ao objetivo final de colocar Alexios IV no trono imperial em Constantinopla.

Em 1º de outubro de 1202, uma frota de mais de 200 navios partiu de Veneza para Zara, localizada na costa da Dalmácia na Croácia moderna, pois não havia sido levantado dinheiro suficiente para enviá-los ao Egito. Zara se rebelou contra a República Veneziana em 1183, tornando-o um alvo ao qual

Dandolo achou difícil resistir. Eles começaram o cerco à cidade em 13 de novembro e a cidade caiu em 24 de novembro, com alguns dos líderes cruzados se recusando a participar do ataque porque Zara era uma cidade cristã. Isso marcou a primeira vez que os cruzados atacaram uma cidade católica. Muitos dos cruzados, no entanto, ficaram do lado de Dandolo, vendo isso como um pequeno revés para o objetivo mais glorioso de obter Jerusalém. O papa Inocêncio III condenou qualquer ataque aos cristãos e, em 1203, excomungou todo o exército dos cruzados junto com os venezianos, embora mais tarde concedesse absolvição ao exército.

Após o cerco de Zara, os cruzados começaram a saquear a cidade. Surgiram disputas sobre os espólios da batalha que os venezianos reivindicaram como deles por direito.

Bonifácio de Montferrat havia deixado a frota antes de partir de Veneza para visitar sua prima, Filipe da Suábia, rei da Alemanha, casada com uma princesa bizantina, Irene Angelina. Sob a proteção de Filipe, estava o refugiado Alexios IV Angelos, que alegava ser o legítimo imperador bizantino. Bonifácio de Montferrat e Alexios discutiram o desvio da frota veneziana para Constantinopla. Alexios enviou mensageiros aos cruzados, fazendo promessas extravagantes de assistência mais dinheiro para pagar sua dívida com os venezianos. A oferta foi boa o suficiente para os cruzados endividados. Eles ainda desprezavam os bizantinos por sua traição durante as três cruzadas anteriores, bem como o massacre de cristãos latinos cerca de vinte anos antes, onde até sessenta mil pessoas foram mortas ou forçadas a fugir de Constantinopla. Os cruzados tinham motivos mais do que suficientes para combater os bizantinos em nome de Alexios.

Enquanto estavam presos em Zara devido a tempestades de inverno, os cruzados foram informados das negociações entre seu líder, Bonifácio de Montferrat, e o filho do imperador deposto de Bizâncio, Alexios IV Angelos. Durante sua reunião na Suábia, Montferrat aceitou a oferta do príncipe Alexios de pagar aos cruzados uma enorme soma de marcas de prata, aumentar seu número com a adição de 10.000 soldados bizantinos, submeter a Igreja Oriental à autoridade de Roma e fornecer um contingente permanente de Soldados bizantinos para proteger a Terra Santa. Em troca dessa oferta generosa, os venezianos e os cruzados concordaram em derrubar o imperador bizantino, Alexios III Angelos, e instalar Alexios. Ao ouvir isso, o Papa

Inocêncio III emitiu uma ordem proibindo mais ataques aos cristãos, a menos que eles estivessem prejudicando a causa dos cruzados, mas ele nunca condenou completamente esse ataque a Constantinopla. Talvez ele achasse que a captura de Constantinopla seria uma maneira de reunir as igrejas orientais e ocidentais mais uma vez.

Finalmente capaz de seguir em frente, a frota veneziana, comandada por Doge Enrico Dandolo, chegou ao porto de Constantinopla mal defendido no final de junho de 1203. Eles atacaram e foram repelidos de alguns subúrbios da cidade, e planejaram um cerco maior para a própria cidade. O cerco começou em 11 de julho, mas a verdadeira luta não começou até 17 de julho. Naquele dia, os venezianos escalaram as muralhas de Constantinopla do lado do mar, e parte do exército dos cruzados se reuniu para batalhas fora dos muros da terra. lado. O exército bizantino marchou para fora da cidade, mas rapidamente se retirou diante do exército superior dos cruzados. O imperador Alexios III abandonou a cidade e os portões foram abertos, com Alexios IV Angelos sendo proclamado imperador.

Alexios IV, encontrando o tesouro de Bizâncio esgotado e incapaz de obter o apoio de seus nobres e eclesiásticos que odiavam os intrusos da Igreja Romana, não conseguiu levantar fundos suficientes para pagar sua dívida com os cruzados. Seus súditos se opuseram à sua promessa de tornar a Igreja Oriental subserviente à Igreja Ocidental e se recusaram a servir no exército dos cruzados comandado por nobres europeus. Em dezembro de 1203, eclodiu uma guerra entre os bizantinos descontentes e os cruzados. Em um golpe de palácio em Constantinopla, no final de janeiro de 1204, Alexios foi derrubado e mais tarde foi estrangulado na prisão em 8 de fevereiro de 1204, sob as ordens do usurpador Alexios V Doukas.

Os cruzados estavam agora presos fora de Constantinopla, sem os fundos necessários para prosseguir com seu objetivo no Oriente Próximo. Os venezianos ficaram irados com o fato de que as recompensas financeiras por seus esforços em nome de Alexios IV não seriam futuras. Os nobres de Montferrat e os comerciantes venezianos se reuniram para discutir seu próximo curso de ação. Naturalmente, eles concluíram que, mesmo que o tesouro bizantino estivesse esgotado, havia tesouros suficientes na cidade para justificar um cerco. Em um ataque a Constantinopla em 12 de abril, as galés venezianas chegaram perto o suficiente das muralhas da cidade para

desembarcar soldados através de pontes voadoras. Os homens começaram a abrir os portões da cidade, permitindo a entrada de uma multidão de cavaleiros montados. No dia seguinte, a resistência dos cidadãos da cidade evaporou-se com a saída de Alexios V Doukas e a maioria da classe alta bizantina. Os cruzados e venezianos começaram a saquear a cidade. Segundo Villehardouin, era uma cidade mais rica do que qualquer outra desde o início dos tempos. Quanto às relíquias, estas estavam além de qualquer descrição. ”Eles acumularam cerca de 900.000 marcos em tesouro. Isso foi distribuído a cavaleiros e soldados com base em sua posição. Alguns cruzados conseguiram pagar suas dívidas pelo custo de sua passagem aos venezianos, mas outros não.

Durante os três dias seguintes, os cruzados saquearam a cidade e aterrorizaram seus habitantes restantes, que haviam sido abandonados pela maior parte da nobreza. O saco de Constantinopla incluía a destruição ou roubo de muitas obras de arte antigas e medievais. Quatro cavalos de bronze que decoravam o Hipódromo foram levados pelos venezianos para uma de suas galeras. Essas esculturas monumentais do século IV aC foram então enviadas para Veneza e instaladas sobre o pórtico da Basílica de San Marco, onde ainda estão hoje. O destino dos cavalos de bronze não era o mesmo que uma enorme escultura de Hércules, que também poderia ser datada do século IV aC. Foi derrubado do pedestal e derretido. Os cruzados, que não tinham uma liderança eficaz, invadiram a cidade. Eles não apenas destruíram a Biblioteca de Constantinopla, que pode conter cerca de 100.000 manuscritos, mas também destruíram e derreteram os tesouros de igrejas, mosteiros e conventos. O exército veneziano era mais disciplinado e, em vez de destruir os tesouros encontrados, eles os recolheram e os enviaram para casa. As moedas de ouro adquiridas no saco da cidade foram suficientes para pagar a dívida dos cruzados com os venezianos, com sobra de sobra para ser dividida entre todos os cavaleiros europeus.

Apenas um pequeno punhado de cavaleiros chegou ao objetivo designado da Terra Santa. O papa Inocêncio III, depois de ouvir as notícias da destruição de Constantinopla, repreendeu fortemente os cavaleiros, mas não ofereceu nenhuma punição. De fato, ele aceitou os tesouros roubados que lhe foram enviados e reconheceu a nova autoridade no Império Bizantino.

Agora sob o controle dos latinos, como os cruzados eram chamados,

Constantinopla foi colocada sob a autoridade de um novo imperador. A escolha dos invasores europeus foi Baldwin, conde de Flandres. O cunhado de Baldwin, Philip, casara-se com a irmã de Baldwin, rainha Isabel I da França. Baldwin, cuja irmã morreu em 1190, tomou a cruz depois de negociar um tratado com seu arquiinimigo, o rei da França Filipe II Augusto, em 1200. Ele era conhecido por sua piedade e virtude, e suas capacidades como líder eram muito superiores. ao líder nominal da Cruzada, Bonifácio de Montferrat. Baldwin foi coroado imperador em 16 de maio de 1204.

O império de Baldwin foi organizado como um estado feudal europeu. Os nobres receberam feudos em territórios bizantinos conquistados. Após a coroação de Baldwin, uma aliança entre os búlgaros e o imperador foi negociada pelo papa Inocêncio III. Este foi um esforço para garantir as fronteiras do Império Latino de Constantinopla. No entanto, a paz não durou muito tempo, enquanto os cruzados fizeram incursões nos territórios sob o controle do rei ou czar búlgaro Kaloyan. Ele respondeu quebrando sua aliança com Baldwin e aliou a Bulgária aos gregos na Trácia. Na primavera de 1205, os cidadãos de Adrianópolis se revoltaram contra seus senhores latinos. Baldwin liderou talvez apenas 4.000 de suas tropas e combatentes venezianos para fora de Constantinopla e sitiou a cidade de Adrianopla. Kaloyan, depois de ouvir o cerco, trouxe seu exército para o sul da Bulgária. Sua força consistia em 54.000 homens. Em 14 de abril de 1205, Kaloyan atraiu o exército de Baldwin para uma emboscada, matando muitos cavaleiros e levando prisioneiro de Baldwin. Baldwin morreu na prisão por volta de 1205 (não se sabe quando ele realmente morreu porque Kaloyan alegou apenas que Baldwin tinha sem fornecer provas suficientes) na capital medieval da Bulgária, Veliko Tarnovo. Os venezianos, tendo cumprido seu contrato para defender Baldwin até o ano de 1205, embarcaram em seus navios e navegaram para casa.

Baldwin foi sucedido em 1206 por seu irmão mais novo, Henrique de Flandres, que se destacara no cerco a Constantinopla em 1204. Sob sua liderança, o Império Latino de Constantinopla expandiu seu controle sobre os territórios bizantinos. Estes foram cedidos por Henry a importantes nobres cruzados. Um deles foi Bonifácio de Montferrat, que levou seus cavaleiros para a segunda maior cidade bizantina, Tessalônica, onde, apesar das

instruções do Papa Inocêncio III de que os cruzados não travavam guerra contra os cristãos, conseguiram tirar a cidade de seus defensores bizantinos. Ele assumiu o título de rei da Tessália. Bonifácio continuou sua agressão, colocando a maior parte da Grécia e da Macedônia sob seu controle. Ele foi apoiado em suas ações hostis contra os cristãos bizantinos pelo imperador Henry. O oponente mais bem-sucedido à expansão do Império Latino de Constantinopla foi o czar da Bulgária, Kaloyan. O governo de Montferrat como rei da Tessália foi interrompido após dois anos, quando ele foi morto em batalha com os búlgaros em 4 de setembro de 1207.

Segundo os registros históricos, Henrique era um imperador magnânimo, chegando a alistar conselheiros e soldados da nobreza bizantina de Constantinopla. Dizia-se que, embora fosse estrangeiro, ele tratava as pessoas da cidade como se fossem suas. Um exemplo disso é o fato de ele contrariar as ordens do legado papal, um representante pessoal do papa, enviado a Constantinopla com o objetivo de aprisionar o clero ortodoxo e fechar suas igrejas.

O reinado de Henry terminou com sua morte em 11 de junho de 1216. Não há dúvida de que ele foi envenenado, mas quem o matou ou sob cujas ordens foi realizado permanece em debate. Muitos acham que sua segunda esposa, Maria da Bulgária, filha do czar búlgaro Kaloyan, havia cometido o ato.

Henrique foi sucedido por seu cunhado, Pedro II de Courtenay, que havia participado da Terceira Cruzada e lutado contra os inimigos da Igreja na França. Ele deixou sua casa no norte da França e seguiu com uma comitiva de cavaleiros para Roma, onde o papa Honório III o coroou imperador de Constantinopla em 9 de abril de 1217. A caminho de Constantinopla para reivindicar seu império, ele foi capturado pelo governante bizantino de Epiro, Theodore Komnenos Doukas. Pedro de Courtenay morreu após dois anos de prisão.

Quando as notícias da morte de Pedro chegaram à França, seu filho, Robert de Courtenay, foi declarado imperador de Constantinopla. A caminho de assumir a liderança da capital do Império Latino, ele travou uma batalha com o imperador Theodore Doukas, do Império de Tessalônica, que tinha apenas um controle tênue sobre os fragmentos do império na Europa. Os cavaleiros e soldados de infantaria de Robert foram derrotados e sua autoridade na Grécia

foi usurpada por Theodore Doukas. Robert também teve que renunciar ao controle da Anatólia ao chamado imperador bizantino de Nicéia, que era o segundo reclamante do trono imperial bizantino, Theodore I Lascaris. Em uma disputa sobre seu casamento proposto e, portanto, sucessão ao trono imperial, Robert foi expulso de Constantinopla por cavaleiros da Borgonha. Ele fugiu para Roma para procurar a assistência do papa. Em sua viagem de volta a Constantinopla, em 1228, ele morreu.

Baldwin II, então com onze anos, foi proclamado imperador sob a regência de João de Brienne. Durante seu reinado de 1228 a 1273, Baldwin II esteve constantemente em busca de dinheiro para apoiar a defesa de seu império, que consistia em pouco mais que a própria cidade. Ele fez a ronda de potenciais financiadores na Europa em 1236 e alcançou uma medida de sucesso. Para arrecadar dinheiro, ele se serviu da Coroa de Espinhos, que havia sido colocada na cabeça de Jesus antes de ser crucificado. Isso pertencera aos bizantinos, mas depois foi penhorado por um comerciante veneziano como garantia de um empréstimo. Foi tirado deles para levar a Paris e foi entregue a Luís IX em 1238. Ele construiu uma das jóias da arquitetura gótica, a elegante Sainte-Chapelle, para abrigar essa relíquia. (Após a Revolução Francesa, a Coroa de Espinhos foi depositada na Catedral de Notre Dame. Era um dos tesouros da catedral salvos por bombeiros na conflagração de 15 de abril de 2019.)

Apesar de alistar alguns soldados e angariar fundos muito necessários, Baldwin foi incapaz de defender Constantinopla, e foi invadido pelos gregos em 24 de julho de 1261, encerrando assim efetivamente o Império Latino de Constantinopla, embora o título ainda fosse mantido até 1383 Os bizantinos instalaram Miguel VIII Paleólogo como imperador. Baldwin II escapou e posteriormente viveu na aposentadoria na França.

Cruzada das Crianças 1212

Como a evidência documental da Cruzada das Crianças tem sido considerada mais material de mitos e lendas do que fatos, ela não é incluída na numeração seqüencial das expedições cristãs ao Oriente. Não obstante, é útil considerar esta Cruzada em particular, porque lança luz sobre o ethos da Europa cristã no meio da longa e duradoura paixão pelas Cruzadas.

A Cruzada das Crianças, de acordo com os registros existentes, consistia em duas ondas. Dizia-se que um pastor alemão de Colônia, chamado Nicholas, pregava uma cruzada para crianças receptivas. Estes, por sua vez, convenceram outros a se juntarem a eles. Depois de reunidos, um número de discípulos que, segundo alguns registros podem ter o número de 21.000, foram levados através dos Alpes à Itália por Nicholas. O Chronica regia Coloniensis, ou Royal Chronicle of Köln, inclui a seguinte passagem.

Muitos milhares de meninos, com idades entre seis anos e maturidade total, deixaram os arados ou as carroças que estavam dirigindo, os rebanhos que estavam pastando e tudo o que estavam fazendo. Eles fizeram isso apesar dos desejos de seus pais, parentes e amigos que procuravam fazê-los recuar. De repente, um correu atrás do outro para pegar a cruz. Assim, por grupos de vinte, cinquenta ou cem, eles colocaram estandartes e começaram a viajar para Jerusalém. As crianças alegaram que foi a vontade do Divino que os levou a empreender essa cruzada. Apesar disso, sua expedição não alcançou sua intenção no final.

Na jornada para o sul, particularmente nos traiçoeiros caminhos pelos Alpes, dois terços dos cruzados morreram. O objetivo deles era Gênova, onde, segundo Nicholas, Deus faria com que o mar se separasse e os cruzados pudessem caminhar até a Terra Santa. Quando isso não aconteceu, alguns se voltaram contra Nicholas e alguns se estabeleceram para aguardar o aparecimento milagroso de uma passagem seca para o leste. Os genoveses, simpatizantes com os jovens cruzados encalhados que estavam acampados à sua porta, ofereceram refúgio a eles e absorveram seu número na população urbana. Nicholas, indiferente ao fracasso de Deus em fornecer um caminho seco para a Terra Santa, levou alguns de seus rebanhos remanescentes para Roma, onde se encontraram com o papa Inocêncio III, que lhes disse que eram jovens demais para ir para o leste. Nicholas então desaparece dos registros históricos. Aparentemente, ele morreu no re-cruzamento dos Alpes.

Uma segunda onda de jovens cruzados se formou na França em torno do carismático Stephen de Cloyes, de 12 anos. Ele disse que, em um sonho, recebeu uma carta de Cristo endereçada ao rei da França. Estevão reuniu 30.000 discípulos; esse número incluía alguns adultos que foram pegos com a piedade do grupo e impressionados com a comunhão mística que muitas das crianças afirmaram ter com Deus. Os cruzados foram a Saint-Denis para se encontrar com o rei francês, Filipe II. Ele não ficou impressionado com a causa deles e, presumivelmente, disse a eles para voltarem para suas casas. Destemido, Stephen foi a uma abadia próxima e continuou a pregar sua Cruzada. À medida que sua multidão viajava para o sul, o número de pessoas diminuía e, quando chegaram a Marselha, talvez metade permanecesse. Incapazes de encontrar transporte para a Terra Santa, eles se dispersaram e os que não voltaram para casa foram capturados por comerciantes sem escrúpulos e vendidos como escravos.

Nos tempos modernos, vários historiadores tentaram obter o significado da história da Cruzada das Crianças. Alguém disse que representa "emocionalismo religioso doente". Outra fonte considera que é um conto moral arquetípico de inocentes se sacrificando por sua fé. Outro ainda pensou que fosse uma história de piedade cavalheiresca com um motivo antiguerra.

Alguns escreveram, pode ser um escândalo dos pobres e dos despossuídos, buscando alívio para sua miséria. Uma leitura atenta dos textos sobre a Cruzada das Crianças sugere que os participantes não eram todos crianças, mas simplesmente aqueles que sofreram sob o trabalho árduo do trabalho agrícola, como sugere a Chronica regia Coloniensis, escrita em 1213, na passagem citada acima.

Capítulo 7
A Quinta Cruzada (1217-1221)

O desvio da Quarta Cruzada para Constantinopla foi entendido por muitos no Ocidente como um exemplo de traição veneziana motivada pela ganância dos comerciantes em monopolizar o comércio marítimo no Oriente. O papa Inocêncio III ficou desapontado com a Quarta Cruzada, porque envolveu apenas batalhas com outros cristãos. Os cruzados não fizeram nada em relação à remoção de muçulmanos da Terra Santa.

O papa Inocêncio III tinha mais do que inimigos muçulmanos em mente após o final da Quarta Cruzada. No sul da França, uma seita herética de cristãos, os cátaros, também conhecidos como albigenses, depois da cidade de Albi onde o movimento se estabeleceu pela primeira vez, usurpara o poder da Igreja Católica. Os cátaros, que acreditavam em duas divindades, uma boa e outra má, declararam-se independentes da autoridade da Igreja, acreditando que ela era completamente corrupta e doutrinariamente errada. Os cátaros também eram protofeministas. Segundo a fé deles, eles sustentavam que homens e mulheres podiam administrar os sacramentos sagrados. Isso era repugnante para a Igreja Católica patriarcal. O assassinato de seu legado à corte do conde Raymond VI de Toulouse em 1208 terminou a tentativa pacífica de Inocencio III de convencer os cátaros dos erros de suas crenças. Ele excomungou o conde Raymond, que não era um cátaro, por ser muito tolerante ao lidar com a seita herética. Para destruir os hereges por meio da espada, Inocente convocou o rei francês Filipe II a lançar uma cruzada contra os hereges no sul da França. Nem Philip nem seu filho Louis se juntaram à expedição; no entanto, muitos nobres do norte partiram para Languedoc, tendo sido prometidos que poderiam manter qualquer uma das terras que pudessem capturar.

Os cruzados, sob o comando do legado papal, o abade de Cîteaiux, em seu primeiro compromisso com os cátaros, atacaram a cidade de Béziers em 22 de julho de 1209, onde massacraram cerca de 7.000 habitantes, fazendo pouco esforço para distinguir entre cátaros e Católicos. Seguiu-se uma longa série de cercos e massacres, nos quais os chamados cruzados albigenses

prevaleceram sobre a seita separatista. Os cátaros foram posteriormente caçados e executados pela Inquisição, criada em 1233.

A Cruzada contra os cátaros não foi a única cruzada travada em solo europeu. Na Península Ibérica, a noção de cruzada foi invocada para acelerar a remoção dos mouros das terras espanhola e portuguesa. A luta em curso contra os muçulmanos, ou mouros, conhecida como Reconquista, começou a se virar a favor dos cristãos em uma cruzada convocada pelo papa Inocêncio III. A coalizão de monarcas e nobres da Espanha e da França se uniu a Alfonso VIII, rei de Castela, na oposição aos líderes do califado almohad da metade sul da Península Ibérica. Sob o califa al-Nasir, um exército de muçulmanos do norte da África atravessou o estreito de Gibraltar para firmar o controle muçulmano de Al-Andalus (moderna Andaluzia). A enorme força muçulmana ameaçou empurrar o norte e desalojar as forças cristãs que estavam firmemente no controle de cerca de metade da Espanha. A coalizão de Alfonso VIII de nobres e monarcas franceses e espanhóis atacou os muçulmanos. Na Batalha de Las Navas de Tolosa, os cristãos surpreenderam os mouros e os atacaram em 16 de julho de 1212. Alfonso então seguiu para o sul em direção à Andaluzia, onde seu exército massacrou e escravizou um número enorme de muçulmanos. Talvez até 100.000 muçulmanos tenham sido capturados, de acordo com uma crônica contemporânea da campanha. Após a batalha de Las Navas de Tolosa, os espanhóis e seus aliados começaram a empurrar lentamente os mouros para fora da Península Ibérica. A Reconquista, que durou 781 anos, foi concluída com a rendição de Granada em 1492.

Enquanto a Cruzada contra os hereges albigenses estava se desenrolando e os mouros estavam perdendo terreno na Espanha, Inocente emitiu uma bula papal em 1213 e outra em 1215 pedindo a todos na cristandade que apoiassem uma nova cruzada para livrar a Terra Santa dos muçulmanos. Com o fracasso da liderança secular da Quarta Cruzada em fazer qualquer coisa para promover essa causa, o Papa Inocêncio III pretendia colocar um novo exército dos Cruzados sob a liderança direta da Igreja. A Cruzada deveria começar em 1217.

O porta-voz do papa na França, o cardeal Robert de Courçon, não conseguiu convencer os nobres franceses a tomar a cruz. Muitos dos nobres estavam totalmente ocupados em tomar à força as terras de Languedoc, no sul, dos

nobres que simpatizavam com a causa albigense. Quando o papa Inocêncio III morreu repentinamente em julho de 1216, seu sucessor, papa Honório III, começou a administrar os preparativos para a Cruzada. Ele comprometeu dinheiro do tesouro papal para o empreendimento maciço e cobrou um imposto aos funcionários da Igreja e a todos os eclesiásticos para pagar a expedição ao Levante. Honório identificou a principal fonte para os cruzados como o Sacro Império Romano. Apesar da pressão contínua do papa, o rei da Alemanha, Frederico II, adiou a montagem de um exército e embarcou para a Terra Santa. Ele enviou alguns contingentes, mas estes não eram do tamanho que ele prometeu.

Os únicos nobres que cumpriram o prazo para a partida da cruzada foram o duque Leopoldo VI da Áustria, o duque Otto I de Merania e o rei André II da Hungria. Seus exércitos convergiram em Spalato (Split), na Dalmácia, e embarcaram em navios venezianos para o transporte para o Acre. O número de combatentes, talvez até 10.000 cavaleiros, era tal que precisavam ser transportados em ondas pelo Adriático e para o leste através do Mediterrâneo. O plano de partir de Acre para o Egito foi adiado porque o rei André, que estava doente, decidiu voltar para casa na Hungria em janeiro de 1218. Isso esgotou o exército de cruzados a tal ponto que foi decidido esperar reforços da Europa. . Quando eles finalmente chegaram, os cruzados navegaram para Damietta, na foz do Nilo.

Acampados do outro lado do Nilo, a partir de Damietta, os Cruzados lançaram vários ataques contra a torre de Damietta. Eles foram expulsos de cada vez pelos defensores sob o comando do sultão Al-Kāmil, o quarto governante da dinastia ayubida no Egito, fundado por Saladino. Os cruzados então desenvolveram uma solução engenhosa para violar as defesas de Damietta, que consistia em 3 paredes, 28 torres e um fosso. Usando um projeto criado por um oficial da Igreja, Oliver de Paderborn, que também serviu como cronista da Cruzada, os soldados cristãos amarraram dois navios e ergueram uma estrutura semelhante a um castelo, com uma ponte voadora elevada sobre eles. A engenhoca foi manobrada ao lado da torre de Damietta. O cerco da torre havia fracassado por quase dois meses; no entanto, em um

único dia, o mecanismo de cerco capturou a torre. Os reforços dos cruzados chegaram no final de setembro de 1218. Com eles estava o cardeal Pelagius de Albano, espanhol, que assumiu o comando da operação.

Em fevereiro de 1219, o sultão Al-Kāmil, temendo o iminente sucesso dos cruzados em seu cerco, partiu de Damietta para o moderno Al Manṣūra mais adiante, no Nilo. Ele abandonou suas tropas, que logo o seguiram, roubando a cidade. Os cruzados hesitaram e não aproveitaram a vantagem, optando apenas por cercar a cidade e esperar. O sultão Al-Kāmil tentou processar a paz, oferecendo-se para entregar Jerusalém e o território circundante se os cruzados saíssem do Egito. O cardeal Pelagius recusou esta oferta, fazendo-o novamente quando os muçulmanos se ofereceram para adoçar o acordo com um pagamento substancial em dinheiro. A intransigência de Pelágio foi uma tolice, pois o campo dos cruzados estava diminuindo por causa de alguns nobres e suas comitivas partindo para casa. Ele também se recusou a entender que as forças muçulmanas estavam prestes a receber reforços de tropas tão distantes quanto a Síria.

No meio das prolongadas negociações em Damietta, um monge italiano, Francisco de Assis, fundador da ordem franciscana, chegou ao campo dos cruzados. Sua jornada desde a sede da ordem em rápida expansão foi uma das várias que ele se comprometeu a pregar o evangelho. Sua intenção em aparecer em Damietta era converter o sultão do Egito ou tornar-se um mártir na tentativa. Enquanto isso, entre os cristãos e os muçulmanos, Francis e um outro irmão entraram no campo do sultão. De acordo com as primeiras biografias de Francisco, ele foi bem recebido, mas não conseguiu abalar a crença do sultão ou de seus conselheiros no Alcorão. Francisco deixou o acampamento dos cruzados e partiu para o Acre e depois para a Itália.

Em abril de 1219, o campo dos cruzados foi atacado por forças muçulmanas fortalecidas. Os cruzados os detiveram, e Pelágio decidiu então reativar o cerco de Damietta. O ataque determinado fracassou e foi seguido por uma emboscada muçulmana dos cruzados, na qual 4.300 cruzados foram mortos. Nesse ponto, os egípcios tentaram negociar outro tratado de paz. Enquanto estava em discussão no campo dos cruzados, uma vulnerabilidade nas muralhas de Damietta foi descoberta por acaso. Os cruzados subiram escadas e tomaram a cidade sem oposição. O cerco de Damietta resultou na morte de pelo menos 50.000 pessoas devido à falta de suprimentos e doenças. Pelágio,

um líder exigente e completamente antipático, alienou os líderes de seu próprio exército, que não gostavam de seu estilo e se opunham a suas táticas. Na primavera de 1220, João de Brienne, o rei de Jerusalém, deixou Damietta para o Acre com suas tropas, e vários cruzados optaram por voltar para casa na Europa. O esgotamento das forças cruzadas foi compensado pela chegada de contingentes de tropas italianas lideradas por bispos e arcebispos que eram todos comandantes inaptos.

Durante o resto do ano, os cruzados se estabeleceram em Damietta, enquanto os egípcios reforçavam suas fortificações em Al Manṣūra. Com o retorno do rei João de Jerusalém e a chegada dos cruzados alemães, Pelágio ordenou aos cruzados que atacassem Al Manṣūra. Suas tropas marcharam para o sul ao longo das margens do Nilo, e foram seguidas por uma frota de cerca de 600 navios e galés que navegavam rio acima. Em preparação para o cerco da cidade bem fortificada, os cruzados montaram acampamento. Pelágio, que estava completamente sem habilidades táticas, não bloqueou Al Man Alūra, e as forças muçulmanas no forte foram, essencialmente, reforçadas pelas forças muçulmanas da Síria, que acamparam em um local que bloqueava qualquer possibilidade de retirada por terra dos cruzados. Os egípcios montaram armadilhas no Nilo e destruíram os navios de suprimentos dos cruzados. Quando Pelágio finalmente entendeu o perigo dos Cruzados, ele ordenou uma retirada para Damietta. Foi um completo fiasco. Os muçulmanos destruíram diques, inundando a única rota terrestre ao norte. Presos e sem suprimentos, os cruzados foram forçados a negociar um armistício em 28 de agosto de 1221. O controle muçulmano sobre Jerusalém não foi abandonado, então a idéia de Inocente de colocar uma cruzada sob o comando de homens da Igreja provou ser um desastre completo.

Capítulo 8
A Sexta Cruzada (1228-1229) - O Santo Imperador Romano Frederico II Leva a Cruz

O governante mais poderoso da Europa na primeira metade do século XIII foi Frederico II, imperador do Sacro Império Romano. Filho do imperador Henrique VI, Frederico foi eleito rei dos alemães em 1196 aos dois anos de idade e foi nomeado rei da Sicília aos três anos de idade. Sua mãe, Constance, governou a Sicília como regente e, após sua morte em 1198, Frederick ficou sob a tutela do papa Inocêncio III. Antes de atingir a maioridade, o Reino da Sicília de Frederico havia se dissolvido em vários principados independentes cujos barões e aventureiros usurparam a autoridade imperial. Frederico teve um problema semelhante na Alemanha, onde, mesmo depois de ser coroado rei em 1212, ele teve que dividir o poder com um rei rival da Alemanha, Otto IV. Após a morte de Otto, em 1218, Frederick lutou para firmar apoio entre a nobreza alemã, e foi somente em 1220 que ele foi coroado imperador do Sacro Império Romano Romano pelo papa Honório III. Frederico passou a primeira parte de seu reinado na Sicília, onde consolidou seu domínio sobre o estado através da promulgação das Constituições de Melfi em 1231. Essas leis asseguravam o primado da lei escrita sobre as tradições locais e asseguravam que Frederico dominasse como monarca absoluto. .

Em 1225, Frederico II casou-se com Isabel II, filha de João de Brienne, rei de Jerusalém. Agora livre de consolidar seu poder sobre suas terras na Alemanha e na Itália e com uma aliança matrimonial significativa que lhe dava algum direito ao poder na Terra Santa, o imperador reuniu seu exército em Brindisi, na Itália. Logo após embarcarem em seus navios em agosto de 1227, as tropas de Frederick começaram a morrer de uma doença epidêmica. A flotilha voltou a Brindisi, momento em que o papa Gregório IX o excomungou por não ter cumprido sua promessa de ir à Cruzada. O papa tinha outras razões para punir Frederico, pois o imperador havia negligenciado por muitos anos seu dever para com a Igreja ao tentar forçar

expropriar terras papais na Itália.

Frederick ignorou sua excomunhão e partiu novamente para o Acre em 1228. No caminho, ele desviou sua frota para Chipre. Ele reivindicou a ilha como um feudo que devia homenagem ao imperador do Sacro Império Romano desde a sua captura por Ricardo, o Coração de Leão, durante a Terceira Cruzada. Ele exigiu que o regente de Chipre, John Ibelin, que também era chamado o Velho Lorde de Beirute, deixasse sua autoridade sobre Chipre e Beirute.

Tendo assegurado sua autoridade sobre Chipre, Frederick navegou para Acre. Em sua chegada, ele achou os habitantes da cidade, agora a capital nominal do Reino de Jerusalém, hostis à sua presença. O patriarca, o líder da Igreja Oriental e o clero, sabendo que ele havia sido excomungado, recusaram-se a apoiar sua Cruzada. Os nobres relutavam em seguir suas ordens, temendo que fossem obrigados a fazer de seus feudos na Síria dependências do imperador romano. Eles também sustentaram contra Frederick que ele exigira que John Ibelin perdesse sua soberania sobre Beirute, capital do Líbano atual.

A perda da autoridade local, que presta homenagem a um rei, príncipe ou outro nobre, era um assunto sério para os cruzados que se estabeleceram no Oriente Próximo. Eles tinham muito mais em jogo do que mero poder. Eles se estabeleceram em uma vida que se assemelhava ao ambiente de um nobre na Europa e se beneficiava da renda fornecida por seus domínios apropriados no exterior. Por exemplo, John Ibelin, na reconstrução de Beirute após a conquista da cidade por Saladino, erigiu um palácio familiar grandioso no qual ele podia se deleitar em um ambiente fabuloso. Foi descrita por um visitante em 1212. O salão central tinha uma calçada “de mármore, que imita a água movida por uma brisa leve. E isso é feito de maneira tão sutil que quem pisar nele se sente como se estivesse vadeando, maravilhado por não deixar nenhuma impressão da areia representada. ”Eles tinham“ uma fonte com um dragão enquanto a peça central ficava no salão central. jatos esfriando o ar e o murmúrio da água, dando um efeito totalmente calmante. ”O teto foi pintado com um afresco representando os céus,“ com cores semelhantes às da vida que as nuvens atravessam, o vento oeste sopra e aí o sol parece para marcar o ano e os meses, os dias e as semanas, as horas e os momentos por seu movimento no zodíaco. ”Não é de admirar que, tendo estabelecido a si mesmo e a sua corte em um ambiente tão magnífico, John

Ibelin teria medo Os projetos de Frederick em anexar a Terra Santa ao Sacro Império Romano. Se ele fosse obrigado a prestar homenagem a Frederick, seria obrigado a entregar uma parte de sua renda ao superior.

O exército de Frederick, que era pequeno demais para se envolver com as forças do sultão Al-Kāmil do Egito, só podia esperar o sucesso de sua missão por meio de negociação. Felizmente, o sultão estava preocupado com a supressão dos rebeldes na Síria, então ele consentiu com os termos de Frederico em um tratado assinado em 18 de fevereiro de 1229. No tratado, ele concordou em ceder Jerusalém aos cristãos junto com as importantes cidades de peregrinação de Nazaré e Belém e as cidades de Sidom e Jaffa. Os muçulmanos não entregaram o controle do monte do templo, da mesquita de al-Aqsa e da cúpula da rocha em Jerusalém. A trégua promulgada pelo tratado duraria dez anos.

Frederico, desfrutando da glória de seu golpe diplomático, fez uma entrada triunfal em Jerusalém em 17 de março de 1229. Ele passou a ser coroado rei de Jerusalém. De fato, ele obteve autoridade apenas como regente agindo no lugar de seu filho, Conrad, que era o herdeiro do trono de Jerusalém por meio de sua mãe Isabella II. O patriarca latino de Jerusalém, Gerold de Lausanne, que se recusou veementemente a se curvar à autoridade de Frederick, não presidiu a chamada coroação. No dia seguinte, o Patriarca Latino colocou a cidade sob um interdito, que é uma proibição que proíbe as pessoas de participarem de certos ritos.

Em maio de 1229, Frederick deixou Jerusalém e navegou de volta para a Europa. Embora sua Cruzada não envolvesse batalhas, ele havia provado aos monarcas europeus que seguiriam seus passos que aventurar-se na Terra Santa não exigia autoridade papal. A missão dele era puramente secular.

Os nobres e clérigos do Reino de Jerusalém recusaram-se a aceitar a assunção de Frederick do reino em seu império. Os barões, entre os quais John Ibelin, que ainda estava sofrendo com o tratamento em Chipre, foram os que resistiram aos representantes do agora imperador do Sacro Império Romano. O vice-rei de Frederick foi expulso do Acre em poucos meses.

Depois de retornar à Europa, Frederico teve sua excomunhão suspensa no Tratado de Ceprano, assinado em agosto de 1230. Mais importante foi o acordo entre Frederico II e o papa Gregório IX de cessar as hostilidades sobre

os territórios reivindicados pelo papado.

Capítulo 9
A Sétima Cruzada (1248-1254)

A paz intermediada por Frederico na Terra Santa terminou quando Jerusalém foi atacada por um exército de Khwarezmians. Esses turcos sunitas muçulmanos foram expulsos de suas terras na Ásia Central e no Irã invadindo os mongóis. Diante do colapso de seu império, os Khwarezmians se mudaram para o sul, buscando uma aliança com os mamelucos egípcios. No caminho, sitiaram Jerusalém e a ocuparam em agosto de 1244. Mataram quase 2.000 habitantes que permaneceram na cidade, nivelando suas defesas e edifícios.

Enquanto os cristãos europeus estavam simultaneamente ganhando a Espanha e perdendo a Terra Santa, um novo flagelo à segurança surgiu no leste. O enorme império fundado pelo mongol Genghis Khan e expandido por seus filhos e netos após sua morte em 1227 se estendeu do Oceano Pacífico às margens do Mar Negro. Suas conquistas mais a oeste incluem a Geórgia, a Crimeia e a Rússia Kievana. Esses territórios eram os despojos de Batu Khan, um governante mongol e fundador da Horda Dourada. Os mongóis derrotaram os nobres rusanos de Kiev, um por um, incluindo o governante do principado de Vladimir-Suzdal, que incluía Moscou. A segurança do território foi garantida pela entrega de um jovem príncipe, Alexander Yaroslavich, a Batu como refém. O jovem Alexandre absorveu a cultura da corte da Horda Dourada, casou-se com uma filha de Batu Khan e foi colocado como príncipe mongol em Novgorod, onde defendeu os mongóis dos suecos e alemães. Na Batalha de Neva, em julho de 1240, ele derrotou os suecos e, por sua habilidade militar, recebeu o apelido "Nevsky". Menos de dois anos depois, repeliu outra invasão, desta vez uma força alemã-letã combinada que foi encaminhado na Batalha do Gelo. Enquanto Nevsky prosperava como um guerreiro mongol substituto, Batu sitiou Kiev em dezembro de 1240. Em seguida, mudou-se para a Polônia, Hungria e Transilvânia e sul para a Croácia. Os mongóis planejavam acompanhar seus sucessos com um ataque total à Alemanha, Áustria e Itália. Antecipando seu futuro sucesso militar na Europa, Batu exigiu a renúncia do Sacro Imperador Romano Frederico II. A ameaça mongol foi suficiente para o papa Gregório

IX exigir uma cruzada contra eles. A Europa Central escapou da invasão mongol quando o flagelo do Oriente se retirou em 1242 para lidar com questões de sucessão.

Os cruzados tinham um relacionamento complicado com os mongóis no Levante. Primeiro, eles permitiram que os mamelucos se movessem sem obstáculos ao longo de seu território para derrotar os mongóis na Batalha de Ain Jalut em 1260. Mas os europeus logo mudaram de tática e alistaram os mongóis como aliados em sua luta contra os muçulmanos. No processo de formar uma aliança, o papa escreveu aos líderes mongóis encorajando-os a se converterem ao cristianismo ocidental. Essa não era uma idéia completamente irrealista, já que vários mongóis na corte eram cristãos nestorianos, membros de uma seita cristã primitiva herética que havia sobrevivido no Império Persa e as várias dinastias muçulmanas que governavam o platô persa, que agora estava inteiramente no mãos dos mongóis. Uma guerra civil no Império Mongol pôs fim às suas habilidades de lutar como aliados dos cristãos.

Na Idade Média, os europeus eram fascinados por seus co-religiosos, embora heréticos, nestorianos e pelos mongóis. Uma carta forjada que foi escrita para o imperador bizantino Manuel I Komnenos no século XII pelo Prester John, um lendário ancião de um grupo cristão primitivo chamado Nestorianos que, segundo se dizia, desapareceu na Índia. A carta falou das maravilhas do cristianismo oriental e nestoriano. A lenda do Preste João estava tão arraigada nas mentes dos europeus que se acreditava que um descendente do Preste João, rei Davi da Índia, estava indo para o Reino de Jerusalém e que ele a aliviaria da ameaça muçulmana. Existia a confusão entre uma suposta nação cristã asiática e os reais mongóis. O Prester John se identificou com o pai adotivo de Genghis Khan, Toghrul, e ele também foi atribuído a ter poderes extraordinários. O mito foi em grande parte esvaziado com os relatos de viajantes europeus, como os irmãos franciscanos Giovanni da Pian del Carpine e William de Rubruck, que visitaram a corte do Grande Khan em Karakorum. O livro de Carpine, Ystoria Mongalorum, escrito na década de 1240, a mais antiga das contas européias dos mongóis, foi seguido pelo relato

de Rubruck, que ele apresentou a Luís IX em 1253. Uma descrição ainda mais detalhada das maravilhas do Oriente foi escrita por Marco Polo, que passou 24 anos viajando na Ásia com seu pai e tio. Depois de voltar para casa, Marco Polo, enquanto servia aos venezianos em seu conflito com Gênova, foi capturado no mar e preso. Ele ditou o relato de suas aventuras no Oriente a seu companheiro de prisão, Rustichello da Pisa, um escritor italiano de romances. As Viagens de Marco Polo foram copiadas repetidas vezes em forma de manuscrito e foram lidas amplamente em toda a Europa a partir do século XIV.

Com informações imprecisas sobre os mongóis espalhados pelas terras, os europeus começaram a temê-los tanto quanto aos muçulmanos no Levante. Uma missiva suplicante por reforços saiu das poucas cidades cristãs remanescentes na Terra Santa. A perda de Jerusalém para os Khwarezmians em 1244 e o resultado potencial dos mongóis que ultrapassaram a Terra Santa indicaram que, sem ajuda imediata, a presença cristã na Terra Santa estaria em grande perigo. Felizmente, o rei Luís IX da França, conhecido como São Luís, já havia tomado a cruz. Louis convocou um grupo de seus nobres em Paris em outubro de 1245. A maioria concordou em segui-lo no empreendimento no exterior e impôs um imposto substancial para pagar pela Cruzada.

Reconhecendo que a única maneira de salvar a Terra Santa era destruir os egípcios, Louis, seus cavaleiros e combatentes zarparam em 1248, passando o inverno em Chipre. Depois de receber um pedido desesperado de ajuda de Bohemond V, príncipe de Antioquia, Louis enviou 500 cavaleiros para ajudar na defesa do principado cristão.

Em maio, Louis e sua força restante, que contava com cerca de 2.700 cavaleiros, 5.000 besteiros e 7.300 soldados a pé, navegaram de Chipre para Damietta. Desembarcando na praia, os cruzados foram atacados por muçulmanos, mas sua disciplina se manteve e forçaram os egípcios a recuar e desistir de seu posto avançado em Damietta. O plano de Louis era passar o verão tomando a cidade fortificada, mas a rápida vitória exigiu que ele reagendasse sua invasão, pois não queria subir o Nilo até que a temporada de enchentes terminasse. Louis foi quem aprendeu com os erros dos outros, e sabia muito bem que Pelágio havia sido encalhado pela inundação do Nilo. Para evitar o mesmo destino, ele se estabeleceu para esperar o fim do verão.

Isso em si era um empreendimento arriscado. Os homens que lutavam tendiam a se opor na ausência de inimigos. A doença também era galopante em campos apinhados, e as forças dos cruzados estavam sempre propensas a perder homens devido à partida daqueles que ficavam desanimados, com saudades de casa ou doentes.

Em novembro, Louis liderou suas tropas para o sul, subindo o Nilo na margem oposta à fortaleza do moderno Al Manṣūra. Quando chegou a hora de atravessar o Nilo, os cruzados não conseguiram construir uma ponte adequada. Tendo sido mostrada a localização de um vau por um cristão copta local, eles seguiram para o rio. Muitos cavaleiros se afogaram no cruzamento. Tropas na vanguarda, sob o comando do irmão de Luís IX, Robert de Artois, juntamente com um contingente de cavaleiros templários e soldados da Inglaterra sob o comando de William William Longespée (neto ilegítimo do rei Henrique II), atacaram o campo egípcio a poucos quilômetros de distância. Al Manṣūra. Os comandantes dos turcos mamelucos, que estavam lutando ao lado das forças do sultão ayubida do Egito, assumiram o comando de todo o exército que defendia o delta do Nilo. Sob seus líderes, Faris ad-Din Aktai e Baibars al-Bunduqdari, eles detiveram os cruzados.

Um retrato do tipo de luta que ocorreu em torno de Al Manṣūra é dado por Jean de Joinville em sua descrição da Cruzada em Life of Saint Louis. O nobre cruzado escreveu que cerca de 6.000 turcos o atacaram e seus cavaleiros

Assim que nos viram, vieram correndo em nossa direção e mataram Hugues de Trichâtel, senhor dos Conflans, que estava comigo carregando uma bandeira. Eu e meus cavaleiros empurramos nossos cavalos e fomos em socorro de Raoul de Wanou, outro membro da minha companhia, a quem eles haviam derrubado no chão. Quando eu voltava, os turcos me empurraram com suas lanças. Sob o peso do ataque deles, meu cavalo ficou de joelhos e fui voando sobre suas orelhas. Levantei-me o mais rápido que pude, com meu escudo no pescoço e a espada na mão.

Segundo Joinville, suas tropas em retirada para uma casa em ruínas para aguardar reforços foram invadidas. “Um grande corpo de turcos veio correndo para nós, me carregando no chão e cavalgando sobre meu corpo, de modo que meu escudo voou do meu pescoço.” Quando os cruzados entraram rapidamente em casa, os turcos atacaram novamente.

alguns deles entraram em casa e nos espetaram com suas lanças lá de cima. Meus cavaleiros me pediram para segurar as rédeas de seus cavalos, o que eu fiz, por medo de que os animais fugissem. Então eles fizeram uma defesa vigorosa contra os turcos, pelos quais, posso dizer, depois foram muito elogiados.

Durante este incidente, alguns dos cruzados sofreram ferimentos graves que Joinville descreveu em detalhes. Frédérick de Loupe tinha uma lança lançada entre os ombros, o que fez "uma ferida tão grande que o sangue jorrou de seu corpo como se fosse do orifício de um barril". Um golpe de uma das espadas do inimigo caiu no meio de O rosto de Érard de Siverey, cortando o nariz, deixando-o pendurado nos lábios.

Os poucos cruzados restantes da vanguarda escaparam para se juntar a Louis, que estava acampado nas proximidades. Lá, os cruzados conseguiram combater vários ataques muçulmanos. No impasse, Louis abriu negociações com seu inimigo, oferecendo-se para trocar Damietta por Jerusalém. À medida que as negociações se arrastavam, as condições se deterioraram no campo dos cristãos. Os muçulmanos, como haviam feito no passado, impediram que barcos de suprimentos subissem de Damietta. Doenças e moral decadente forçaram os cruzados a evacuar. Os perigos de velejar, andar a cavalo ou caminhar pelo Nilo através do território muçulmano se mostraram mortais. Navios cruzados foram atacados e os retardatários em terra foram mortos, assim como os doentes e os doentes nos navios de transporte. Na batalha final da Sétima Cruzada na Batalha de Fariskur, em 6 de abril de 1250, os franceses ficaram impressionados. Muitos dos

prisioneiros que eram fracos demais para andar foram mortos, e alguns dos cavaleiros derrotados que eram saudáveis receberam a opção quase clichê entre a morte ou a conversão ao Islã. O próprio Luís IX foi capturado junto com seus dois irmãos, o conde Carlos de Anjou e o conde Alphonse de Poitiers. Eles foram presos na casa do chanceler real egípcio em Al Manṣūra. Os irmãos de Luís IX foram finalmente libertados e enviados à França para garantir os fundos de um enorme resgate para o rei, exigido pelos egípcios. O próprio Luís IX estava amarrado em correntes e despido dos cabelos.

Na França, segundo alguns com especial afeição por Luís IX, havia um interesse insuficiente em levantar seu resgate. Uma das manifestações de apoio veio de um grupo de camponeses; eles eram seguidores de um antigo monge húngaro que eles chamavam de mestre. Ele alegou ter sido informado pela Virgem Maria a alistar pastores para se juntar a ele em uma missão para resgatar o rei. Dizia-se que a Cruzada dos pastores de 1251 incluía 60.000 homens e mulheres jovens de Flandres e norte da França. A enorme multidão desceu sobre Paris, onde imploraram à regente rainha Blanche de Castela, mãe de Luís IX, para apoiar sua causa. Um escritor eclesiástico contemporâneo, Matthew Paris, via o Mestre como um impostor e que ele era realmente um dos líderes da Cruzada das Crianças de 1212. Não tendo nenhum efeito na família real, os pastores se enfureceram por todo o norte da França, causando sérios danos. , atacando padres e mosteiros e até expulsando o arcebispo de Rouen e atacando judeus em Amiens e Bourges. Eles foram, com o tempo, reunidos e excomungados, e o Mestre foi morto em uma luta perto de Bourges.

Enquanto a Cruzada dos Pastores acontecia, os Cavaleiros Templários organizaram uma quantia de 400.000 dinares a serem transportados para o Egito, pagando assim o resgate de Luís IX. O rei francês em sua libertação navegou para o Acre. Sua chegada lá foi descrita por Joinville. "Todo o clero e o povo daquela cidade desceram à beira-mar em procissão, para encontrá-lo e recebê-lo com grande alegria." O rei Luís passou quatro anos lá usando dinheiro de seu tesouro para reconstruir as defesas do Acre, Cesaréia e Jaffa. Na primavera de 1254, ele e seu exército retornaram à França. Quando voltou para casa em 1254, deixou para trás guarnições bem equipadas que ele próprio financiava com a renda real anual.

A derrota dos cruzados franceses em Al Manṣūra deveu-se principalmente à habilidade militar de Baibars al-Bunduqdari. Ele era um turco mameluco a serviço do sultão Turanshah do Egito, que era o tataravô sobrinho de Saladino. Após a derrota dos franceses, o sultão ayubida, que veio do Cairo, maltratou seus fiéis soldados mamelucos e seus líderes. Os mamelucos se revoltaram e mataram o sultão.

Baibars, provando ser um líder militar exemplar no Egito, marchou com seu exército para o norte para se juntar a um guerreiro mameluco rival, Saif ad-Din Qutuz, no confronto com os mongóis. Os mongóis, que em seu movimento expansionista para dominar o mundo haviam saído de Bagdá e agora estavam se movendo para o oeste, capturaram Alepo e Damasco e ameaçaram atacar o próprio Egito. Na batalha de Ain Jalut, em setembro de 1260, nas planícies ao sul de Nazaré, Qutuz e Baibars derrotaram os mongóis. Os mamelucos retomaram Damasco e outras cidades da Síria. Qutuz não conseguiu saborear sua vitória porque, ao retornar ao Cairo, foi assassinado. Baibars tornou-se o quarto na dinastia mameluca de sultões do Egito.

Tendo tentado restabelecer o domínio dos Ayyubid no Cairo, Baibars então negociou com um colega mameluco, Emir Sinjar al-Halabi, que havia ocupado Damasco. Depois de derrotá-lo, o sultão Baibars voltou-se para restaurar o controle egípcio da Síria.

Em 1263, Baibars atacaram a cidade de Acre, capital nominal do Reino de Jerusalém. Como não teve sucesso, voltou-se para Nazaré. Usando motores de cerco, a máquina militar preferida dos cruzados, seu exército violou as muralhas. Ele levantou a cidadela de Nazaré e, quando capturou Haifa, ele fez o mesmo. Depois, Baibars sitiaram Arsuf. Baibars ofereceu libertar os Cavaleiros Hospitaleiros capturados se eles concordassem em abandonar a cidade. Eles optaram por aceitar a oferta, mas Baibars os renunciou e os capturou. Baibars continuou sua invasão bem-sucedida do Levante. Ele forçou a rendição de Antioquia, arrasando a cidade, massacrando grande parte da população e vendendo o restante das pessoas para a escravidão. Em Jaffa, ele repetiu o processo, como fez posteriormente em Ashkelon e Cesareia.

Capítulo 10
A Oitava Cruzada (1270)

Os sucessos de Baibars, na década de 1260, na Terra Santa, alarmaram com razão os europeus a tal ponto que o rei da França, Luís IX, então na casa dos cinquenta, decidiu lançar outra cruzada. Ele fez a cruz formalmente em 24 de março de 1267. Louis e seu exército partiram do porto de Aigues-Mortes na Provença no verão de 1270. Sua partida foi precedida por um contingente espanhol que partiu de Barcelona sob o rei Jaime I de Aragão. no outono de 1269. A flotilha aragonesa foi danificada por uma tempestade e a maioria dos sobreviventes retornou à Espanha, mas um pequeno contingente lutou contra o Acre, onde se envolveram com as tropas de Baibars. Incapaz de desalojar o sultão egípcio, eles voltaram para casa.

Luís IX abandonou seu plano inicial de navegar para Chipre e depois para a Terra Santa. Em vez disso, ele escolheu navegar para o sul, para Tunis, no norte da África, onde esperava subjugar a cidade convertendo o califa ao cristianismo e, assim, interromper o envio de suprimentos ao Egito, enfraquecendo o sultanato de Baibars.

As forças de Louis foram aumentadas por uma fornecida pelo rei de Navarra, que partiu de Marselha. Ambos se encontraram na Sardenha e depois seguiram para a costa da Tunísia. A chegada da frota inglesa que transportava cruzados foi adiada quando Henrique III da Inglaterra, que havia concordado em participar, recuou e enviou seu filho, o príncipe Edward.

Depois de chegar ao norte da África, os cruzados montaram acampamento perto de Cartago. Enquanto aguardavam reforços, foram vítimas de uma epidemia virulenta de disenteria. O próprio Louis morreu da doença em 25 de agosto de 1270. Os cruzados, depois de fazer um tratado com o califa de Tunes, prepararam-se para evacuar do norte da África. Enquanto a maioria das tropas francesas voltava para casa, o príncipe Edward da Inglaterra levou seu exército de cerca de 1.000 homens, incluindo 225 cavaleiros, para Acre, onde desembarcou em 9 de maio de 1271.

A Nona Cruzada (1271–1272)

Esta Cruzada é às vezes considerada parte da Oitava Cruzada (razão pela qual não possui seu próprio capítulo), e é comumente vista como a última Cruzada a chegar à Terra Santa antes da queda do Acre em 1291.

Ao ouvir o fracasso da Cruzada de Luís IX no norte da África e a morte do próprio rei, o sultão mameluco Baibars rescindiu suas ordens aos generais no Cairo para marcharem para o oeste para aliviar Tunes. Ele continuou a sitiar os castelos dos cruzados na Síria durante esse período. No Krak des Chevaliers, aparentemente inexpugnável, o exército de Baibars rompeu as paredes externas em dois dias. Eles fizeram isso usando mangonels modelados após os dos cruzados. Baibars elaborou um plano inteligente para forçar os defensores a se render, enviando uma carta forjada. Supostamente do Grão-Mestre dos Cavaleiros Hospitalários, a carta instruía os Hospitalários estacionados ali a se render. Após uma pausa nos combates que durou dez dias, os hospitaleiros, no início de abril de 1271, negociaram sua partida de Krak des Chevaliers, e suas vidas foram poupadas.

A perda de Krak des Chevaliers foi um duro golpe para os hospitaleiros. Acreditava-se que o enorme castelo era inexpugnável e tinha sido o melhor e maior dos castelos dos hospitaleiros ao longo da fronteira do condado de Trípoli. Em meados do século XIII, este posto avançado foi defendido por cerca de 2.000 soldados. O castelo era cercado por duas paredes concêntricas, e a parede interna de três metros de espessura tinha sete torres de proteção, cada uma com dez metros de diâmetro. O castelo foi abastecido com uma enorme despensa contendo comida suficiente para sustentar os defensores durante um cerco de cinco anos. O estábulo possuía até 1.000 cavalos.

Em 1271, o príncipe Edward avaliou a situação no Acre, a última fortaleza cristã remanescente na Terra Santa. Com forças insuficientes para impedir um ataque de Baibars, ele enviou uma embaixada aos mongóis para pedir sua ajuda. Eles forneceram isso atacando a cidade de Aleppo, em Baibars, distraindo-o por um tempo. Com Baibars ocupados em Alepo, Eduardo tentou abrir uma rota para Jerusalém. No entanto, ele falhou nesse empreendimento. Em maio de 1272, Hugo III de Chipre, o rei de Jerusalém, assinou uma trégua de dez anos com Baibars, na tentativa de aliviar a pressão sobre o Acre, terminando assim a Nona Cruzada.

A carreira de Prince Edward Crusader terminou quando ele foi atacado por um assassino muçulmano. O herdeiro do trono da Inglaterra matou o agressor, mas sofreu uma punhalada grave no braço. Ele sobreviveu graças às ministrações de sua esposa, Eleanor de Castela, que o haviam acompanhado em sua Cruzada. Com problemas de saúde, Edward deixou Acre em 24 de setembro de 1272, navegando para a Sicília, onde soube que seu pai, Henrique III, havia morrido em novembro de 1272. Edward adiou o retorno à Inglaterra e, eventualmente, mudou-se com sua comitiva para o norte. , parando na Itália e na França, onde se encontrou com o papa Gregório X no verão de 1274. Ele chegou à Inglaterra em 2 de agosto de 1274 e foi coroado duas semanas depois. Informado da terrível situação na Terra Santa, o Papa Gregório X tentou aumentar o entusiasmo na Europa por outra cruzada, mas caiu em ouvidos surdos, possivelmente porque o papado havia, por muitos anos, usado o pedido de uma cruzada para lidar com inimigos europeus. , tanto seculares quanto religiosas, em vez dos muçulmanos na Terra Santa. Sem reforços no horizonte, o rei de Jerusalém, Hugh III, mudou sua corte para Chipre em 1276. Embora Baibars tenha morrido em Damasco em julho de 1277, seus sucessores continuaram a exercer extrema pressão sobre as demais propriedades cristãs no Oriente Próximo.

À medida que a situação se tornava ainda mais grave na Terra Santa, o Papa Nicolau IV, em 1289, tentou em vão inspirar reis e nobres europeus a cruzar. Suas alegações foram infrutíferas, pois os conflitos domésticos distraíram os possíveis líderes de uma cruzada.

Em 1291, as tensões em torno de Acre, a última cidade dos cruzados na Terra Santa, começaram a ferver. Uma flotilha de galés venezianas chegou com cerca de 1.600 homens. Segundo algumas fontes, eles eram camponeses mal treinados e homens desempregados da Toscana e Lombardia. Ao desembarcar, eles atacaram os muçulmanos nas proximidades do Acre. O sultão mameluco Al-Mansur Qalawun acusou os cruzados de violar o tratado. Ele começou a mobilizar suas forças para um cerco total ao Acre. Os negociadores de paz dos cruzados enviados ao Cairo foram ignorados e presos. O filho de Qalawun, que havia sucedido seu pai como sultão

mameluco do Egito e da Síria, marchou contra os cruzados. Ele foi reforçado por combatentes de Damasco e outras vilas e cidades do Levante, além de um grande contingente de soldados do Cairo que chegaram ao Acre em 6 de abril de 1291. Durante um período de vários dias, os muçulmanos conseguiram minar as muralhas. da cidade enquanto eles rejeitaram as tentativas dos cruzados de negociar uma paz. Em 18 de maio, os muçulmanos lançaram um ataque total contra os muros agora violáveis. As brigas de rua reduziram o número de defensores cristãos e, eventualmente, os que ainda estavam vivos, evacuaram a cidade e fugiram em galés para Chipre.

A queda do Acre em 1291 sinalizou o fim das atividades das Cruzadas Cristãs na Terra Santa.

Conclusão

As consequências: a idéia de cruzada continua.

Em agosto de 1308, o Papa Clemente V pediu que os cristãos fiéis levassem a cruz para o lançamento de outra cruzada no ano seguinte. O plano do papa era que os hospitaleiros liderassem uma expedição limitada ao Oriente. Ele pediu que aqueles que pregassem a Cruzada pedissem orações aos leigos e doações de fundos para apoiar os hospitaleiros. Em troca do financiamento da Cruzada, o papa, seguindo os passos de seus antecessores, ofereceu indulgências aos doadores ou antecipou a absolvição por seus pecados.

Os que pregaram a Cruzada tiveram um sucesso extraordinário em estimular o campesinato. Embora as classes mais baixas não tenham sido encorajadas a tomar a cruz, muitos deles no norte da Europa começaram a costurar uma cruz vermelha em suas vestes, a reunir-se em massa e apressar-se ao palácio papal de Avignon para oferecer seu serviço a o Papa. Esses pobres cruzados, que se denominavam "Irmãos da Cruz", sustentaram-se em sua jornada para o sul, atacando comunidades judaicas que conheceram ao longo do caminho e saqueando suas propriedades. Em Brabante, o povo judeu se refugiou no castelo do duque João II. Eles foram salvos quando ele enviou seu exército para expulsar os pobres cruzados.

Em julho de 1309, os pobres cruzados, possivelmente até 40.000, chegaram a Avignon e pediram ao papa que autorizasse uma cruzada em grande escala. Ele recusou, e os hospitaleiros recusaram-se a embarcar em qualquer um deles nos navios que os camponeses acreditavam que os levariam à Terra Santa. Sem autorização papal e sem transporte, os pobres cruzados se dispersaram e voltaram para suas casas.

Na primavera de 1311, uma frota de galés em Brindisi foi preparada para os hospitaleiros. Eles partiram para uma expedição ao Oriente, que eles chamaram de Cruzada. Os navios, transportando de 200 a 300 cavaleiros e 3.000 soldados de infantaria, desembarcaram na ilha grega de Rodes. De fato, nunca foi a intenção dos hospitaleiros prosseguir para a Terra Santa. Seu objetivo era completar a conquista da ilha e remover os últimos soldados bizantinos da cidade de Rodes. A Cruzada, portanto, não foi dirigida a muçulmanos, mas a cristãos. Em 15 de agosto de 1311, os hospitaleiros capturaram a cidade de Rodes. A ordem transferiu seu convento e hospital de

Chipre para Rodes e iniciou operações contra os postos comerciais venezianos no Mar Egeu, além de se envolver com a frota turca. Em uma batalha naval em 1319, perto da ilha de Chios, os hospitaleiros derrotaram os turcos e deram início a um esforço para acabar com a predação muçulmana no mar Egeu.

A idéia de lançar expedições militares sob a capa da palavra "Cruzada" demorou a desaparecer. O rei de Chipre, Pedro I, que era nominalmente rei de Jerusalém - um reino sem território na Terra Santa - passou três anos de 1362 a 1365 formando um exército e solicitando apoio financeiro para uma cruzada. Seu empreendimento, sob o disfarce de uma operação religiosa, parece ter sido motivado pela economia, mais especificamente pelo término da primazia de Alexandria como porto comercial, em vez de fervor religioso.

Em outubro de 1365, as forças de Peter navegaram para Rhodes, onde pegaram alguns hospitaleiros. Com 165 navios, ele navegou para Alexandria e, em 9 de outubro de 1365, lançou um ataque cruel à cidade. O massacre da população e o nivelamento dos edifícios foram seguidos por uma retirada, para que Pedro pudesse avançar mais no Egito. Seu plano foi interrompido quando os cavaleiros de seu exército se recusaram a continuar com a invasão, preferindo voltar para casa com seus saques.

A corrupção gradual da noção de cruzada é clara nas várias cruzadas que foram lançadas na Europa ao longo dos séculos após a queda do Acre em 1291. Um exemplo disso é a Cruzada lançada pelo Papa Urbano VI contra os partidários de o antipapa em Avignon, Clemente VII, que foi eleito por cardeais franceses. Era uma disputa puramente européia e não tinha nada a ver com a Terra Santa. O líder desta chamada Cruzada foi o bispo inglês de Norwich, Henry le Despenser. Seu exército atravessou o canal e sitiou Ypres em 1383. Um cronista escreveu que "ter a bandeira da Santa Cruz diante deles ... aqueles que sofreram a morte seriam mártires ... e assim a bênção da cruz foi alcançada". A Cruzada do Despenser não conseguiu nada além de morte e destruição de companheiros cristãos. Ele abandonou a expedição e foi posteriormente acusado por seu comportamento.

Este não era o fim da Igreja pedindo cruzadas contra dissidentes. Em 17 de março de 1420, o papa Martin V emitiu um touro implorando aos fiéis que se unissem na destruição de cristãos dissidentes ou hereges pertencentes às

seitas wycliffitas e hussitas da Boêmia. Os hussitas eram seguidores do teólogo Jan Hus, que foi influenciado pelos escritos de John Wycliffe e que foi excomungado pela Igreja Católica e depois queimado na fogueira em 1415 por seus pontos de vista heréticos sobre a presença do corpo de Cristo na Santa Comunhão . O rei da Hungria, Alemanha e Boêmia, Sigismundo do Luxemburgo, responderam ao apelo do Papa Martin à Cruzada e reuniram um grande exército de cavaleiros europeus e sitiaram a cidade de Praga, então o centro da rebelião hussita contra o catolicismo canônico. A cruzada de Sigismund foi interrompida com uma série de vitórias no campo de batalha pelos hussitas a partir de 1420. Mais quatro apelos do papado por cruzadas contra os hussitas não resultaram em uma vitória da Igreja Católica sobre os hereges boêmios. Embora alguns dos que tomaram a cruz na luta contra os hussitas possam ter sido genuinamente motivados pelo desejo de proteger as doutrinas canônicas da Igreja, a maioria dos cavaleiros e, de fato, o próprio Sigismund foram movidos por intenções puramente seculares - Sigismund para expandir sua poder e cavaleiros para aumentar sua riqueza através de saques.

O declínio do entusiasmo pelas cruzadas pelos líderes europeus foi resultado da evolução da sociedade medieval após a queda do Acre em 1291, ocorrida após a Nona Cruzada. Cruzar era um empreendimento caro, e os fundos para aventuras no Oriente Próximo se tornavam cada vez mais difíceis de obter. Tais finanças que poderiam ser levantadas para a guerra foram gastas mais efetivamente na expansão territorial da própria Europa.

Com o aumento do poder de cidades-estado independentes na Itália e de centros urbanos protodemocráticos no norte da Europa, houve uma transferência gradual de poder de famílias nobres aristocráticas, cuja riqueza derivava da agricultura, para famílias de comerciantes urbanos. A noção de honra cavalheiresca lentamente tornou-se fossilizada, para que fosse encenada em torneios, que eram muito menos perigosos do que lutar em uma terra distante contra inimigos imprevisíveis, usando táticas imprevisíveis e armas cada vez mais eficazes. As guerras ocorreram na Europa e houve muitas, que costumavam ser lutas internas ou guerras civis. A autoridade do papado também declinou gradualmente à medida que a Igreja se envolveu em lutas contra seitas heréticas e, eventualmente, várias formas de protestantismo.

Em suma, as Cruzadas ofereciam uma aventura religiosamente justificada para cavaleiros europeus e pessoas comuns. Quando bem-sucedidas, as terras adquiridas no Oriente Próximo pelos cavaleiros cruzados eram insuficientes para sustentar um estilo de vida estável e nobre. Não apenas os rendimentos derivados das propriedades no Leste eram insignificantes em comparação com o que se poderia esperar em solo europeu, mas sua defesa também era extraordinariamente cara em termos de vidas e dinheiro. Sem uma garantia de longo prazo dos subsídios da Europa, os cavaleiros cruzados eram incapazes de manter suas propriedades e defender o Reino de Jerusalém. A chegada dos mongóis à Europa resultou na expansão de seu império, que durou de 1236 a 1242, e incluiu a maior parte da Europa Oriental, depois grande parte dos Bálcãs e, mais tarde, a Anatólia; isso apenas significava que havia outro perigo a ser enfrentado no Oriente. A idéia de cruzadas na Terra Santa tornou-se cada vez mais impraticável em termos de vitória no campo de batalha por soldados europeus. As Cruzadas provaram que não havia lugar para os europeus no Levante.

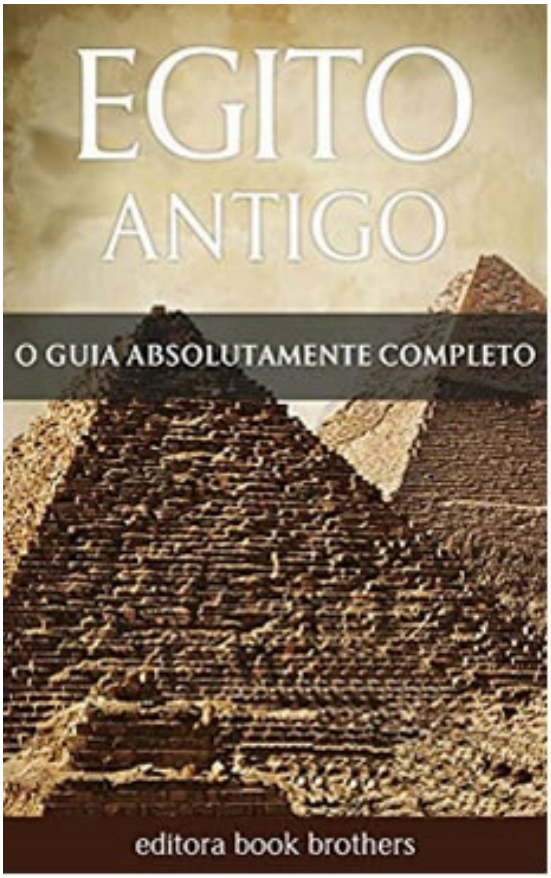
Chegamos ao fim por aqui. Na próxima página temos uma surpresa especial para você, confira!

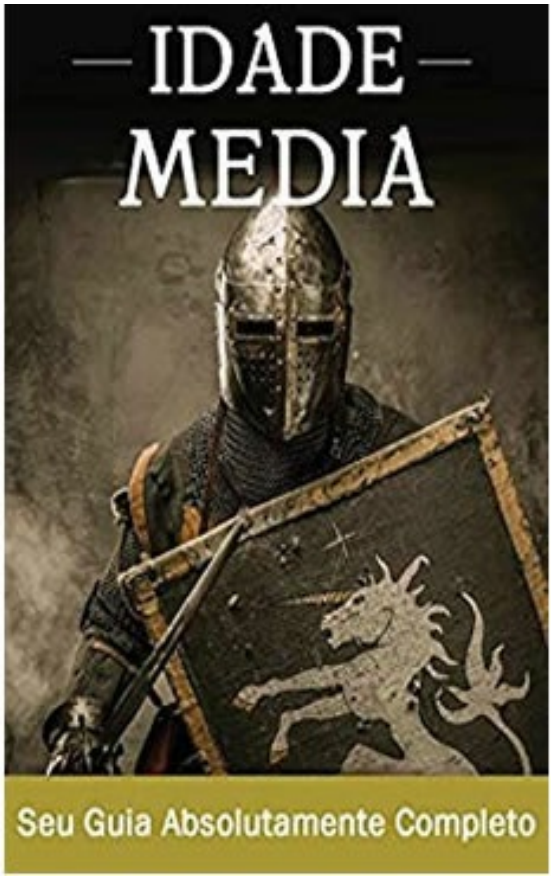
SURPRESA ESPECIAL PARA VOCÊ!

Gostaria de **participar do sorteio de 1 Kindle Paperwhite ou 1 ano grátis de Kindle Unlimited, podendo ler quantos ebooks, de vários autores da Amazon, quiser?**

É muito fácil! Vamos te ajudar nessa! Escreva uma resenha para gente na página deste ebook na Amazon e pronto! Automaticamente você estará concorrendo. O próximo sorteio será dia 07/11/2019, e os demais toda quinta-feira até o final de 2019. Corra e nos envie sua resenha, não perca essa grande oportunidade!

Confira alguns de nossos ebooks abaixo com valores exclusivos, a partir de R$ 1,99:





SNIPERS
II GUERRA
MUNDIAL
Descubra quem sao os maiores
franco-atiradores da segunda guerra mundial,
suas historias e as incriveis
batalhas vencidas por eles!
editora
GOLDEN PAGES

PRIMEIRA
GUERRA
MUNDIAL
CONTADA EM 60 MINUTOS
editora
GOLDEN PAGES